

**Ressignificando as Representações Acerca das Masculinidades: Uma Ação
Preventiva em Relação à Violência**

Bianca Mayumi Matsuura Yoshioka

Brasília - DF

Dezembro de 2018

Ressignificando as Representações Acerca das Masculinidades: Uma Ação
Preventiva em Relação à Violência

Bianca Mayumi Matsuura Yoshioka

Monografia apresentada à Faculdade de Ciências da Educação e Saúde do Centro Universitário de Brasília – UniCEUB como requisito parcial à conclusão de Curso de Psicologia.

Professora Orientadora: Dra. Ana Flávia do Amaral Madureira

Brasília - DF

Dezembro de 2018

Folha de avaliação

Autora: Bianca Mayumi Matsuura Yoshioka

Título: Ressignificando as Representações Acerca das Masculinidades: Uma Ação Preventiva em Relação à Violência

Banca Examinadora:

Professora orientadora: Profa. Dra. Ana Flávia do Amaral Madureira

Prof. Me. Leonardo Cavalcante de Araújo Mello

Prof. Dr. Lucas Alves Amaral

Brasília - DF

Dezembro de 2018

Dedicatória

*Dedico minha Monografia à Marielle Franco: mulher, negra, mãe.
Que foi socióloga, vereadora e Presidente da Comissão de Defesa da Mulher da
Câmara do Rio de Janeiro.
Que se foi, por lutar e acreditar em uma sociedade melhor.
Que se tornou semente para a luta de todas nós.
Que nunca será esquecida pela sua história.
Marielle Presente.*

Agradecimentos

Gostaria de agradecer:

Primeiramente, a todas as mulheres da minha família, mãe, avós, tias, primas, madrastra e madrinha. Obrigada por terem me dado a oportunidade de crescer em uma família matriarcal, repleta de mulheres fortes, inteligentes, independentes e guerreiras. Vocês me ensinaram, um dos meus maiores valores, a sororidade.

À minha avó, Mitsue, grande matriarca e minha maior inspiração. Obrigada por todo apoio, amor e ensinamentos. Hoje, dentre seus tantos atributos, lhe agradeço por me ensinar a ser generosa e respeitar o próximo.

À minha mãe, Mirtis, por ser essa mulher batalhadora e forte, que mesmo sem perceber, me ensinou sobre o feminismo na prática.

À Leila Said, sempre dedicada a tudo o que fez e faz, muito obrigada por todo o apoio e todos as lições ao longo da minha vida. Sou grata por lhe ter como segunda mãe.

Ao meu pai, Noriaki, por ser um exemplo de responsabilidade e disciplina. Obrigada por todas as palavras de encorajamento e por sempre acreditar em mim.

Ao João Lucas Leal de Almeida, por todos os conselhos ao longo dessa jornada. Obrigada, especialmente, por ter realizado inúmeras revisões do meu texto, sempre encorajando a minha escrita e acreditando no meu potencial.

Aos meus irmãos, Gabriel, Naomi e Lucas. Amo muito vocês.

Ao Marcos Antônio Matias, por ter sido meu grande parceiro neste percurso final. Obrigada por todo o suporte emocional; por acreditar em mim, quando nem eu mesma acreditava; por me incentivar a ser cada vez melhor; e pelas noites de leitura e discussão sobre o tema, que foram essenciais.

Aos/Às amigos/amigas do curso, por enriquecerem minha vivência acadêmica. Gostaria de agradecer, principalmente, ao Felipe, Cleno, Aline, Gustavo e Pedro pelo suporte emocional e pelas sugestões, ideias e discussões sobre a temática da Monografia.

Aos/Às professores/professoras incríveis, sem dúvidas, grandes inspirações. Obrigada por contribuírem para a minha formação, conhecimento e desenvolvimento de habilidades. Mas acima de tudo, obrigada por todo o suporte dado neste final do curso para encerrar minha jornada acadêmica.

E, sem dúvidas, à minha professora orientadora, Ana Flávia do Amaral Madureira. Sou eternamente grata por todos os seus ensinamentos, desde o meu primeiro semestre no curso. Ana, mais do que uma grandiosa acadêmica, você é uma pessoa admirável e extremamente sensível e empática com o próximo. Obrigada por todo o suporte emocional, tão imprescindível neste momento. Obrigada por acreditar no meu potencial e dos meus colegas. Obrigada pelas doses de energia, a cada encontro, por ser tão humana e por ter me oferecido tantos aprendizados, que vão muito além do âmbito acadêmico. Grande exemplo de profissional, mulher, ser humano que levarei para o resto da minha vida.

Sumário

Introdução	1
Objetivo Geral	7
Objetivos Específicos	7
1. A Construção Cultural das Identidades de Gênero	8
2. As masculinidades impostas na sociedade brasileira atual.....	15
3. As violências decorrentes da construção e manutenção da masculinidade hegemônica	24
4. Metodologia.....	30
4.1. Participantes	31
4.2. Materiais e instrumentos.....	32
4.3. Procedimentos de construção de informações.....	33
4.4. Procedimentos de análise	35
5. Resultados e Discussão	37
5.1. Ser homem: o convívio cotidiano com a dor.....	37
5.2. As violências vivenciadas e praticadas pelos homens: vivências paradoxais	43
5.3. Estratégias de sensibilização e responsabilização dos homens em relação à cultura machista no Brasil	56
Considerações Finais	62
Referências Bibliográficas	65
Anexos.....	73
Anexo A.....	74
Anexo B.....	76
Anexo C.....	79

Resumo

A presente pesquisa teve como objetivo analisar, a partir das perspectivas de jovens homens universitários, como as masculinidades podem estar relacionadas às vivências de violência no atual contexto brasileiro. A base teórica adotada ancorou-se nas contribuições da Psicologia Cultural e dos estudos de gênero. Quanto à metodologia, a pesquisa é inspirada na Epistemologia Qualitativa desenvolvida por González Rey. Foi realizada uma sessão de grupo focal com homens universitários de 20 a 24 anos. Para analisar e interpretar as informações construídas, foi utilizada a análise de conteúdo temática. Desse modo, as três categorias analíticas elaboradas foram: a) Ser homem: o convívio cotidiano com a dor; b) As violências vivenciadas e praticadas pelos homens: vivências paradoxais; e c) Estratégias de sensibilização e responsabilização dos homens em relação à cultura machista no Brasil. Os resultados indicaram que os homens estão sofrendo ao cumprir com o exercício da masculinidade hegemônica, até mesmo praticando violências, para corresponder às expectativas sociais. Contudo, estão percebendo outras possibilidades de masculinidades, a partir, principalmente, do contato com mulheres feministas.

Palavras-chave: Gênero; Masculinidades; Violência; Psicologia.

Introdução

Quarenta e três mil e duzentas. Esse é o número diário de mulheres brasileiras que são abusadas verbal e fisicamente, de acordo com o Instituto Maria da Penha¹. São 30 mulheres brasileiras por minuto. Uma a cada dois segundos. Casos tão recorrentes e presentes no nosso cotidiano, desde as mais "invisíveis", como xingamentos que depreciam mulheres, a histórias que chocam e assustam o País.

São mulheres como Débora Diniz, professora universitária, xingada e ameaçada de morte nas redes sociais por um homem até então desconhecido, simplesmente pois a mesma é a favor da legalização do aborto². Mulheres como a Tatiane Spitzner, advogada, morta de feminicídio pelo próprio marido em sua casa, em uma briga do casal³; e como a adolescente de 16 anos violentada em um estupro coletivo, no Rio de Janeiro em 2016⁴.

Casos que me fazem questionar: Como 30 homens violentam uma menina de 16 anos e nenhum indaga o quanto aquilo estava sendo errado e cruel? A que ponto esse marido chegou ao acreditar que tinha poder sobre a vida da própria esposa? Como um desconhecido pensou que poderia proferir tantas ameaças contra uma mulher e sair impune? Como essas crenças - que eles, como homens, podem abusar e violentar mulheres, sem nenhuma consequência ou punição - foram construídas?

São inúmeras as indagações que planejo analisar e desenvolver ao longo desta pesquisa. Dentre elas, pretendo responder o seguinte problema de pesquisa: há vinculações

¹ Disponível no site: <https://www.relogiosdaviolencia.com.br>

² Reportagem sobre o caso: <https://g1.globo.com/df/distrito-federal/noticia/professora-da-unb-denuncia-ameacas-de-morte-publicadas-contra-ela-na-web.ghtml>

³ Reportagem sobre o caso: <https://veja.abril.com.br/brasil/professor-e-suspeito-de-jogar-namorada-da-sacada-de-apartamento-no-pr/>

⁴ Reportagem sobre o caso: <http://g1.globo.com/rio-de-janeiro/noticia/2016/05/vitima-de-estupro-coletivo-no-rio-counta-que-acordou-dopada-e-nua.html>

entre as crenças e valores acerca das masculinidades com as relações e vivências de violência de gênero no Brasil?

No decorrer da minha vida, me deparei, em diversos momentos interessada e curiosa em compreender e estudar os processos identitários, as minorias e a diversidade, em um sentido mais amplo. Ao ingressar no curso de Psicologia, esse interesse só se intensificou, fiquei fascinada por cada nova descoberta, fui criando diversos questionamentos; buscando respostas, nem sempre encontradas; explorando e percebendo relações humanas e contextos cada vez mais diversos e complexos.

No meu percurso acadêmico, foquei meus estudos nas identidades de gênero, temática em que me encontrei como pesquisadora. Me aventurei a investigar múltiplos assuntos que perpassam este enfoque, como padrões de beleza, mídias, relações de poder, violências de gênero e novas masculinidades. E, assim, produzi uma pesquisa, intitulada “Gênero e Mídia: Diálogos Entre a Psicologia, as Ciências Sociais e as Artes Visuais”, que gerou o artigo intitulado “Gênero e Relações de Poder: Os Desdobramentos na Mídia e nas Relações Interpessoais”, ambos orientados pela Profa. Dra. Ana Flávia do Amaral Madureira. Ademais, participei do projeto de extensão PROVID, supervisionado pelo Prof. Me. Leonardo Cavalcante de Araújo Mello e pela Profa. Dra. Camila de Aquino Moraes, e do grupo de estudos Novas Masculinidades, organizado pelo Prof. Dr. Lucas Alves Amaral, projetos desenvolvidos pelo próprio UniCEUB.

Paralelo a essas produções, uma carga afetiva esteve muito presente, direcionando minha atenção para essa temática. Através de situações vivenciadas ao longo da minha vida cotidiana, estágios na área da Psicologia, relatos e notícias nas mídias, percebi a necessidade de investigar e contribuir para o bem estar, a valorização e o respeito aos direitos das mulheres.

Assim, na presente pesquisa, não só como futura psicóloga, mas como mulher e feminista, decidi prosseguir neste viés, articulando as temáticas das masculinidades e suas complexidades com as violências de gênero. Para isso, analisei, com base na perspectiva da Psicologia Cultural, a ressignificação das representações acerca das masculinidades, como uma ação preventiva em relação à violência, buscando compreender crenças associadas a esses fenômenos.

Primeiramente, é importante enfatizar que, como afirma Badinter (1993), as masculinidades são construídas e ensinadas. Logo, é um processo dinâmico e fluido, sem uma essência. Ou seja, nem os homens e nem as mulheres nascem com todas as suas características pré definidas biologicamente. As construções sociais podem ser ressignificadas e não só os homens, como a sociedade de modo geral, podem repensar e construir novas práticas do que significa ser homem. Saber disso me motiva a estudar, analisar e aprofundar tais conhecimentos, para gerar possibilidades de reflexões críticas sobre esses construtos.

Se nos limitarmos a compreender o homem, a partir de uma visão hegemônica, de um indivíduo "forte, confiante, ativo, destemido, determinado, realizador, independente, objetivo, pragmático, racional, emocionalmente equilibrado, profissionalmente competente, financeiramente bem-sucedido e sexualmente impositivo" (Wang, Jablonski, Magalhães, 2006, p. 55), primeiramente, perdemos a chance de conhecer subjetividades mais complexas, considerando que os homens não “devem” sair deste repertório de comportamentos. Mas além disso, tornamos difícil a “tarefa” de ser homem, uma vez que são muitas cobranças e expectativas que se não forem cumpridas podem gerar inúmeros danos para o sujeito.

Em distintos níveis, todos nós estamos propensos a nos envolvermos na propagação de estereótipos simplórios, que podem ser negativos e gerar atitudes e relações prejudiciais, como de desconfiança com os outros, violência e embotamento emocional. Nesse sentido,

uma quantidade significativa de homens não consegue ser autêntico consigo mesmo, pois há uma cobrança social e uma forte demanda para que eles atendam a todos os aspectos associados à masculinidade hegemônica. E o mesmo ocorre com as mulheres e as feminilidades, quando se espera que a mulher seja emotiva, cuidadora e maternal, por exemplo.

Desde a infância, muitos homens, escutam "deixa de choro, menino, isso é coisa de mulher" ou "tem que ser forte, tem que ser homem". O que sinaliza a pressão por alcançar o “posto” de homem emocionalmente equilibrado, destemido e forte, citado anteriormente. Em conjunto a esses fatos, pode-se perceber a busca incansável pelo afastamento em relação a comportamentos socialmente considerados femininos (Louro, 2004; Oliveira, 1998; Scott, 1995). E isso promove consequências significativas no que se refere aos comportamentos e às relações dos indivíduos, que passam por sofrimento e adoecimento.

Assim, há um caráter relacional muito significativo entre as identidades de gênero. De forma que as expectativas sobre os homens e as mulheres se constroem, tradicionalmente, de forma oposta (Louro, 2004; Oliveira, 1998; Scott, 1995). Uma maneira interessante e didática de compreender essa discussão é por meio do vídeo educativo “O Desafio da Igualdade”⁵. Uma animação audiovisual que se revela uma excelente ferramenta educacional para se trabalhar com crianças sobre as discussões de gênero, por exemplo. Nele, questionam-se práticas, símbolos e crenças que correspondem, de forma antagônica, ou aos meninos ou às meninas. Práticas e crenças que promovem e mantêm relações hierárquicas de poder, em que os homens são beneficiados.

Nesse sentido, na tentativa de provar a todo momento sua masculinidade e sua repulsa à identificação com a feminilidade, tais construtos ultrapassam o plano das ideias. E

⁵ Disponível no site: <https://www.youtube.com/watch?v=04u0UHEq2f4>

parte dos homens acaba por apelar a atos de violência, de abuso e de intolerância, contra outros homens, contra si mesmo e também contra as mulheres para "validar" o seu status.

Pesquisas explicitam uma realidade extremamente machista, com altos índices de feminicídio no Brasil. Por exemplo, de acordo com a pesquisa realizada pela ONU Mulheres, em 2013, todos os dias 13 mulheres morriam vítimas do feminicídio, sendo cerca de 30% destas mortes provocadas pelo parceiro ou ex das vítimas. Além disso, atualmente, constata-se que o Brasil é o quinto país com a maior taxa de feminicídio no mundo⁶.

E a presença desta violência não se limita às relações interpessoais, ela está presente na relação consigo mesmo. Naiara Windmöller (2016) discute, em sua Dissertação de Mestrado, como os homens são cobrados a ter um desempenho excelente em todos os âmbitos da sua vida. Principalmente, na sua vida profissional e sexual e como quando não alcançam o sucesso se sentem incapazes, incompletos. O que tende a levar a um sofrimento psíquico significativo. Ou seja, utilizam-se da violência como "a principal alternativa de defesa contra o sentimento de frustração e menos-valia" (Wang, Jablonski & Magalhães, 2006, p. 57).

Incentivados a se afastarem de "comportamentos femininos", os homens são julgados e menosprezados ao chorar ou demonstrar emoção e fraqueza, o que tende a promover um significativo estado de angústia e desconforto. Naiara Windmöller (2016) afirma que ao criar esse embotamento emocional e corporal, eles podem não conseguir identificar a sua própria tristeza e até mesmo depressão. Percebe-se, assim, uma falta de autoconhecimento, que pode desencadear outros problemas, como o abuso de álcool e drogas, maior índice de mortalidade, por se exporem a mais situações de risco, e suicídio.

De acordo com o Ministério da Saúde (2009), os homens têm uma maior vulnerabilidade a doenças, comparado às mulheres, e mesmo assim buscam com menos

⁶ Disponível no site: <https://nacoesunidas.org/onu-femicidio-brasil-quinto-maior-mundo-diretrizes-nacionais-buscam-solucao/>

frequência os serviços de atenção básica. Isso é um indicativo da forte influência do estereótipo de que homem não poder ter fraquezas, que um homem forte e viril não adoece. Além disso, 20% dos homens são internados por transtornos mentais e comportamentais pelo abuso de álcool, enquanto para as mulheres essa estatística cai para 2% (Ministério da Saúde, 2009).

Nesse sentido, este estudo assume um caráter preventivo e reflexivo em relação a determinadas formas de violência de gênero, uma vez que as produções científicas são possíveis intervenções sociais, por meio delas podemos aprimorar nossa capacidade reflexiva sobre aspectos sociais e psicológicos que vivenciamos no dia a dia, e isso inclui as violências de gênero (Zanello, 2018). E sua importância não se limita a um problema de segurança pública, mas a uma questão que afeta também a saúde, a justiça e os direitos humanos (Granja & Medrado, 2009).

Portanto, refletindo sobre os meios e as crenças que promovem a formação das masculinidades atualmente, torna-se possível propagar novas formas de se compreender a masculinidade. Nos permitindo pensar em novas formas do homem se expressar, se perceber e se relacionar. O que pode acarretar em novas formas da mulher se expressar, se perceber e se relacionar, bem como novas formas de pensar sobre violência, abuso, poder, direitos e, consequentemente, como podemos promover a equidade nas relações de gênero.

Dessa forma, como apresenta Nathalie Davis (1975, p.90),

Eu acho que deveríamos nos interessar pela história tanto dos homens quanto das mulheres, e que não deveríamos trabalhar unicamente sobre o sexo oprimido, do mesmo jeito que um historiador das classes não pode fixar seu olhar unicamente sobre os camponeses. Nosso objetivo é entender a importância dos sexos dos grupos de gênero no passado histórico. Nosso objetivo é descobrir a amplitude dos papéis

sexuais e do simbolismo sexual nas várias sociedades e épocas, achar qual o seu sentido e como funcionavam para manter a ordem social e para mudá-la.

Objetivo Geral

Analisar, a partir das perspectivas de jovens homens universitários, como as masculinidades podem estar relacionadas às vivências de violência no atual contexto brasileiro.

Objetivos Específicos

- 1) Identificar e analisar como as crenças associadas à masculinidade hegemônica estão presentes nas suas relações intrapsíquicas e interpessoais.
- 2) Identificar e analisar como as violências estão presentes nas suas relações intrapsíquicas e interpessoais.
- 3) Investigar a existência de práticas que promovam a ressignificação dos atuais conceitos de masculinidade hegemônica, a partir da realização de uma sessão de grupo focal.

1. A Construção Cultural das Identidades de Gênero

Não há individualidade sem a cultura, e nem a cultura sem expressões individuais. E assim sendo, não é possível investigar os indivíduos e suas relações sem considerar os contextos culturais que estamos imersos/imersas. Por isso, a partir dos pressupostos teóricos da Psicologia Cultural, é inegável que os contextos históricos, culturais e sociais contribuem de maneira significativa na forma como agimos, nos relacionamos, nos desenvolvemos (Bruner, 1997; Madureira & Branco, 2015; Valsiner, 2012). E também como compreendemos o mundo em que estamos inseridos/as e as formas como significamos nossas vivências (Bruner, 1997; Madureira & Branco, 2015; Valsiner, 2012). Dentre diferentes aspectos, esses contextos estão interligados às crenças, performances e atividades relacionadas à construção das identidades de gênero. Por isso, a importância de analisá-los.

Assim como Max Weber, Geertz (1989, p. 15) acredita, que o ser humano "é um animal amarrado a teias de significados que ele mesmo teceu", sendo a cultura as teias e a sua análise. Ou seja, a cultura é compreendida, como uma metamorfose pública e dinâmica, um código organizado, mutável e fluido que está disponível para os seres humanos, sendo criada por eles e dando sentidos às suas ações (Geertz, 1989). Ela "engloba tanto uma dimensão material, cristalizada nos produtos culturais, como uma dimensão simbólica, mais fluida, presente nos processos culturais de significação do mundo e de si mesma" (Madueira & Branco, 2005, p.101).

Trata-se, então, de um sistema simbólico público que está disponível tanto nas mediações semióticas interpessoais, pelas relações sociais e cotidianas; quanto pelas mediações semióticas intrapessoais, por meio dos nossos processos intrapsíquicos, pela forma como compreendemos e experienciamos o que é vivido e pela forma que criamos diálogos internos sobre certa situação ou contexto (Valsiner, 2012).

Para Pino (2005, p. 54), "a cultura é, ao mesmo tempo, a condição e o resultado da emergência do homem como ser humano". O sujeito, de modo algum, está alheio nesse processo. Ao contrário, ele tem um papel ativo nas relações estabelecidas com a cultura. E essa relação é compreendida aqui tendo como base o modelo bidirecional de transferência cultural. A partir dos pressupostos teóricos da psicologia cultural adotados por Valsiner (2012, p. 34), "o modelo bidirecional é baseado na premissa de que, na transmissão cultural do conhecimento, todos os participantes estão transformando ativamente as mensagens culturais". Ou seja, os sujeitos e os grupos sociais se apropriam e tem uma ação ativa nas construções dos significados culturais, não se tratando de uma internalização passiva destes (Madureira & Branco, 2005, 2007; Valsiner, 2012).

A cultura afeta diretamente o modo que significamos o mundo e nós mesmos, assim como nós afetamos diretamente o modo como a cultura está presente em determinado contexto. Dado que a cultura é pública e nós, por meio da interação com o outro, de maneira complexa e processual, temos acesso para construí-la e desconstruí-la, para significar e ressignificar as coisas (Pino, 2005). Ou seja, é possível desconstruir estereótipos de gênero e práticas de violência, por exemplo.

Dito isto, no meio dessas incertezas e novas possibilidades, apresento a seguinte metáfora, inspirada nas reflexões do filósofo Heráclito de Éfeso, para facilitar a compreensão dos próximos conceitos a serem abordados: há um grande rio (cultura) e neste transitam vários barcos, entre eles o barco da "identidade". Ao longo da viagem, que entenderemos como a construção e o desenvolvimento das sociedades, percebemos que da mesma forma que o rio e as suas águas não são as mesmas, o barco (identidade) também não é, ele foi marcado pelas transformações deste rio (cultura). Com essa analogia, busco trazer a ideia de que a cultura está imersa em processos constantes de mudanças que geram marcas,

significações e implicações que afetam, de diversas formas, os processos identitários do indivíduo.

Considerando nosso contexto atual, com a globalização, parte da população, a partir do seu pertencimento socioeconômico, tem a possibilidade de ter acesso a um imenso contingente de possibilidades em termos identitários. Cabe elucidar que identidade será compreendida aqui como "um processo de criação de sentidos pelos grupos e pelos indivíduos" (Moreira & Câmara, 2010, p. 41).

A partir da concepção pós moderna, a identidade do sujeito não é mais vista como unificada, imutável e fixa, mas sim como identidades no plural (Moreira & Câmara, 2010), "que flutuam no ar, algumas de nossa própria escolha, mas outras infladas e lançadas pelas pessoas em nossa volta" (Bauman, 2005, p.19). Há até, muitas vezes, um grande esforço para a promoção de um sentimento de unicidade, dado que nossas identidades são provisórias e fragmentadas, e podem ser questionadas e se configurarem como conflituosas entre si (Bauman, 2005; Galinkin & Zauli, 2011; Hall, 1998; Madureira, 2007; Woodward, 2000).

Em um processo constante de definirmos quem nós somos, identificamos similaridades, nos apropriamos de crenças, valores, expectativas e regras e encontramos grupos de semelhantes, ao mesmo tempo que identificamos diferenças com outros grupos e significamos que estes são distintos de nós (Galinkin & Zauli, 2011). Desse modo:

(...) Afirmar a identidade significa demarcar fronteiras, significa fazer distinções entre o que fica dentro e o que fica fora. A identidade está sempre ligada a uma forte separação entre "nós" e o "eles". Essa demarcação de fronteiras, essa separação e distinção, supõem e, ao mesmo tempo, afirmam e reafirmam relações de poder. "Nós" e "eles" não são, neste caso, simples distinções gramaticais (...) (Silva, 2000, p.82).

Assim, como apresentado por diversos autores e autoras na atualidade (Galinkin & Zauli, 2011; Moreira & Câmara, 2010; Woodward, 2000), as identidades são relacionais e marcadas pela diferença. Por meio das relações criadas, há a oportunidade em marcar simbolicamente as diferenças e unir similaridades, em um sentimento de pertencimento e criação de elos. O que pode ser positivo ou não, dependendo da forma como as pessoas convivem e se relacionam com as suas identidades.

A partir da marcação de diferenciações e similaridades e de diversos processos históricos, econômicos, políticos, culturais e sociais vão se formando hierarquias de poder, as quais geram implicações concretas na forma como as pessoas se veem e se relacionam, ou seja, na sua subjetividade e na sua produção de significados (Woodward, 2000). "Os sistemas simbólicos fornecem novas formas de se dar sentido à experiência das divisões e desigualdades sociais e aos meios pelos quais alguns grupos são excluídos e estigmatizados" (Woodward, 2000, p. 20).

Isso nos leva a um caminho valioso para investigar diversos fenômenos, entre eles os processos identitários relativos à construção das identidades de gênero. Como é discutido por Guacira Lopes Louro (2000, p. 11):

A inscrição dos gêneros – feminino ou masculino - nos corpos é feita, sempre, no contexto de uma determinada cultura e, portanto, com as marcas dessa cultura. As possibilidades da sexualidade – das formas de se expressar os desejos e prazeres – também são sempre socialmente estabelecidas e codificadas. As identidades de gênero e sexuais são, portanto, compostas e definidas por relações sociais (...)

Então, desde o momento em que nascemos nos encontramos imersos/as em um contexto que segue um sistema binário de gênero, em que as compreensões sobre os sentidos relacionados ao gênero “se enrijeceram e foram, em função da naturalização, compreendidos com sendo “essenciais” (Zanello, 2018, p. 177). E não só pelo corpo, que se torna um dos meios físicos para expressar identidades e produzir sentidos no espaço social e cultural (Cordeiro, 2011; Le Breton, 2007), o modelo binário de gênero e de sexualidade ancorado na heteronormatividade é marcado e formado por diversas práticas culturais, que são estimuladas constantemente ao longo da vida.

No caso das identidades de gênero, por muito tempo, diga-se de passagem até hoje, acredita-se que podemos distinguir os seres humanos entre as categorias masculino e feminino, a partir dos seus cromossomos e/ou órgãos sexuais. Nessa lógica, carregada por um determinismo biológico, desconsidera-se os aspectos culturais para a sua definição, como se o gênero fosse um aspecto anterior à história de vida de cada pessoa. “O mundo social constrói o corpo como realidade sexuada e como depositário de princípios de visão e de divisão sexualizantes” (Bourdieu, 2012, p. 18).

Ou seja, “o sistema binário (masculino *versus* feminino) produz e reproduz a ideia de que o gênero reflete, espelha o sexo e que todas as outras esferas constitutivas dos sujeitos estão amarradas a essa determinação inicial” (Bento, 2008, p. 14). Masculino e feminino são compreendidos, então, como rigidamente opostos, não devendo se misturar (Bourdieu, 2005; Oliveira & Madureira, 2014).

Contudo, os processos culturais e simbólicos são fundamentais, não podemos pensar nas identidades de gênero dissociadas da história, dos aspectos sociais, políticos e culturais. “Como afirmar que existe um referente natural, original para se vivenciar o gênero, se ao nascermos já encontramos as estruturas funcionando e determinando o certo e o errado, o normal e o patológico?” (Bento, 2008, p. 29)

Desde nossa inserção no mundo, criam-se e ensinam-se papéis sociais, desejos, relações de poder, afetos, subjetividades, normas, comportamentos, potencialidades e pensamentos, através de interpretações simbólicas do órgão sexual que o indivíduo nasceu e, assim, culturalmente aprendemos o que é "certo" e "errado" (Bento, 2008; Fonseca, 2018; Louro, 2004). Trata-se, então, de processos de canalização cultural que marcam e delimitam fronteiras simbólicas sobre o “papel do homem” em contraposição ao “papel da mulher” (Oliveira & Madureira, 2014).

Nesse sentido, como um aspecto profundamente permeado pela cultura, o gênero é fluido e carrega um complexo conjunto de expectativas sociais que vão sendo, na maioria das vezes, reiteradas para que os sujeitos não "saíam" do caminho traçado desde o momento que “descobriram” seu sexo (Bento, 2008; Louro, 2004). Bento (2008), Louro (2004) e Oliveira (1998) discutem como ações e interações do dia a dia reforçam essa lógica cultural, como, por exemplo, as escolhas das cores, dos brinquedos e das roupas das crianças e a idealização de possíveis profissões para esse/a futuro/a adulto/a.

Nós, como pessoas, imersas em processos culturais em que a verdade absoluta é valorizada, buscamos constantemente encontrar respostas para tudo, inclusive no campo das questões de gênero. Como se princípios inquestionáveis fossem a “salvação” para o desconforto que as incertezas nos causam. Então, ao invés de buscar formas de desconstruir essa lógica, torna-se mais fácil responsabilizar um "sistema complexo e imutável", se isentando da responsabilidade (Oliveira, 1998).

Convido o/a leitor/a a refletir comigo: quantas vezes questionamos essa lógica cultural, quantas vezes paramos para pensar "Eu realmente sou mulher/homem?", "O que faz com que eu me identifique como mulher/homem?"

Fundamentado numa espécie de “catálogo”, que tem como objetivo revelar e gerar relações e significações, nós acabamos, muitas vezes, seguindo relações e ações que são

consideradas “normais” para cada gênero (Bourdieu, 2005; Louro, 2003; Scott, 1995) e não questionamos, frequentemente, como isso ocorre. Ou seja, por meio de símbolos, presentes na nossa cultura, produzimos sentidos que interferem nas nossas identidades subjetivas (Scott, 1995).

Mediante processos de canalização de normas de gênero e sexualidade, muitas vezes, incentivamos comportamentos e crenças, sem nos atentarmos que cada pessoa tem a sua subjetividade e está inserida em contextos socioculturais que difere-se dos estereótipos criados (Louro, 2003; Madureira & Branco, 2007; Oliveira, 1998).

Por meio da canalização cultural, que possibilita “a inserção do indivíduo no universo de significados e valores típicos da cultura em que vive” (Branco, 1993, p.11), os processos identitários e as relações de gênero se tornam aspectos fundamentais no decorrer das nossas vidas. Logo, gênero para além de uma categoria analítica, é política (Bento, 2017; Oliveira & Madureira, 2014; Scott, 1995). A criação do conceito de gênero, em si, já demonstra a sua importância política, no combate às opressões, desigualdades e violências ancoradas no sistema binário masculino *versus* feminino (Oliveira & Madureira, 2014).

2. As masculinidades impostas na sociedade brasileira atual

'Foi lá que ele me disse as palavras:

"Seja homem."

"Pare de chorar, não se emocione."

"Se vai ser homem no mundo, controle as pessoas e as situações."⁷

Ao longo deste trabalho, utilizarei o termo masculinidade hegemônica para me referir aos estereótipos e às práticas fortemente associados aos homens, na nossa sociedade atual. Como Connell, Messerschmidt e Fernandes (2013) discutem, foi muito importante a criação deste conceito, pois o número de estudos focalizados nos homens, nas suas vivências e sofrimentos, aumentou, assim como a compreensão da sua importância. E isso se expressa a partir das contribuições dos estudos e das lutas feministas, assim como do contexto das sociedades contemporâneas, com as novas tecnologias e a globalização (Oliveira, 1998).

Mas o que seria essa masculinidade hegemônica? Que comportamentos e estereótipos podem expressar essa masculinidade? Como é promovida a manutenção destas crenças?

Como trata-se de um processo vinculado às relações desenvolvidas na cultura ao longo dos tempos, os elementos simbólicos das identidades de gênero são perpassados e fortalecidos pelos mais diversos argumentos (Connell, Messerschmidt & Fernandes, 2013; Oliveira, 1998). Sendo mantidos e reproduzidos, por exemplo, na mídia, nos ensinamentos passados ao longo das gerações, nos comportamentos observados e reproduzidos e na própria linguagem cotidiana.

⁷ Trecho do documentário intitulado "The Mask You Live In", produzido em 2015 por Jennifer Siebel Newsom, disponível na Netflix.

Cabe destacar que este processo é longo. No século XVII, as diferenças entre os gêneros não eram bem definidas, contudo as relações desiguais já eram percebidas. Na época, a mulher era vista como um homem subdesenvolvido, um homem menor ou até mesmo um homem em falta (Laqueur, 2001, citado por Zanello, 2018). Desse modo, “a mulher é medida segundo o padrão da perfeição masculina. Inversa ao homem, ela é, portanto, menos perfeita” (Badinter, 1993, p.8). O que melhor ilustra a afirmação anterior é o fato de que, naquela época, os órgãos sexuais eram entendidos como iguais, com a diferença de que o homem o teria externalizado no corpo e a mulher internalizado dentro do corpo (Zanello, 2018). A seguir uma imagem para elucidar essa percepção.

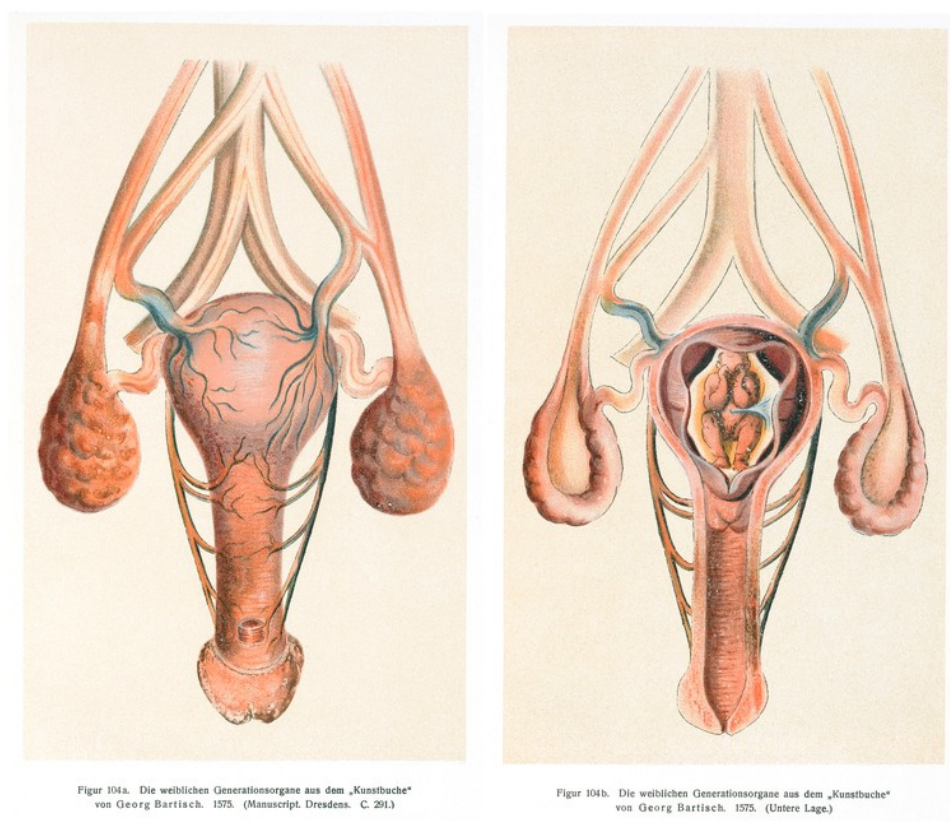


Figura 1

Imagens do órgão sexual feiminino, por Georg Bartisch, em 1575⁸.

⁸ Retirado do site: <https://wellcomecollection.org/works/crx4m5a6>

Com isso, o homem, compreendido como “superior” “era fundamentalmente um proprietário. Possuía bens, escravos, mulheres e filhos a quem impunha sua lei e seu direito, sem maiores obrigações para com terceiros. Deveres, só para consigo mesmo.

Compromissos, só com seu nome, sua hora, suas riquezas” (Costa, 1999, p. 240).

Já no fim do século XVIII, a partir de mudanças históricas, políticas e sociais, que ocorreram com o surgimento e o desenvolvimento do capitalismo e da possibilidade de mobilidade social, os homens e as mulheres foram "essencialmente" compreendidos como seres opostos, com tarefas e características distintas, a partir do momento em que os homens foram encarregados com as tarefas públicas e as mulheres com as tarefas privadas (Zanello, 2018).

Nesse sentido, podemos perceber como os aspectos biológicos estão associados aos aspectos sociais, históricos, políticos e culturais. Na nossa sociedade, o corpo, por ancorar os processos identitários, sofre influência dos processos de canalização cultural, e isso inclui os processos das identidades de gênero. Desde o momento que se descobre o sexo do bebê, seja por meio do ultrassom ou do seu nascimento, produzimos, por meio da cultura, corpos sexuados baseados na masculinidade ou na feminilidade hegemônicas (Bento, 2008; Oliveira, 1998).

Até como forma de reivindicação, o corpo é um importante meio de expressão. Ou seja, como é discutido por Almeida (2014), o corpo se torna uma bandeira para diversos protestos feministas. Alguns exemplos são protestos a favor da legalização do aborto e da diversidade de padrões de beleza; e até o abuso e a violência, muitas vezes, atribuída à roupa ou ao corpo da mulher.

Ou seja, o corpo tem é um papel fundamental na compreensão das formações das identidades de gênero. Por exemplo, o pênis, na nossa cultura, é o aspecto central que define o indivíduo como homem. “Devendo” ser utilizado e consumido (DaMatta, 2010), algumas

vezes, até para o exercício da violência e da violação (Parker, 1991). Muitas vezes, citado na linguagem informal e cotidiana, como "o pau, a pica, a espada, o mastro, a marreta, o canhão, o porrete, a pistola" (DaMatta, 2010, p. 140), palavras que remetem o órgão a uma arma, um objeto de poder e força (Parker, 1991). Em contraponto, "a nádega, o rabo, o traseiro, o lólô, o cu, o lorto, a mala, o fiofó, o furingo, o rabo, a bunda" (DaMatta, 2010, p. 143) apesar de ser um orifício que deveria igualar homens e mulheres, costuma ser usado e associado ao feminino ou em "brincadeiras", pois "ameaça" a virilidade masculina (DaMatta, 2010; Zanello, 2018).

Outro aspecto bastante relacionado aos homens é a presença dos pêlos. Com a chegada da puberdade, espera-se que no rosto e nas axilas dos homens, eles comecem a crescer. Ouvimos bastante a expressão "cara de homem", para aquele rosto, bem diferente do da mulher, coberto pela barba e pelo bigode (DaMatta, 2010). Em contraposição, quando mulheres são vistas com pêlos grandes nas axilas, nas pernas e no rosto, muitas vezes, são julgadas como "suja" e "mal cuidada".

Contudo, tais diferenças não se restringem à corporeidade. Bento (2008) exemplifica as diferenças entre as identidades de gênero pelas brincadeiras e brinquedos associados aos meninos e às meninas. Por meio da socialização, as meninas são estimuladas em relação à maternidade, o cuidado e a esfera privada (casa), ao receberem "bonequinhas para cuidar, dar de mamar, fogãozinhos e panelinhas onde predomina a cor rosa" (Bento, 2008, p.29). E os meninos estimulados a participarem da esfera pública ao ganharem "revólveres, carros, bolas e outros brinquedos que estimulam a competição e exigem esforços mentais e corporais" (Bento, 2008, p. 30).

E, ao longo da sua socialização, na cultura, os homens são cada vez mais incentivados a assumirem uma posição dominante, tanto na esfera pública quanto na esfera privada, por meio da virilidade, competitividade, sexualidade exacerbada, autonomia, força,

liderança, inteligência, assertividade, efetividade, etc. (Jablonski, 1995; Oliveira, 1998; Welzer-lang, 2001; Zanello, 2018). E todos esses aspectos devem ser exercidos com excelência, independência e autoconfiança, visando a superioridade em relação aos outros (Oliveira, 1998).

Por exemplo, Zanello (2018) analisa termos como “foder” e “comer” (ativo), “fodido” e “comido” (passivo), usados para se referir ao ato sexual, sempre analtecendo e prestigiando os "ativos" (homens) e diminuindo e estigmatizando os "passivos" (mulheres e homens homossexuais). Desse modo, as práticas eróticas e sexuais também simbolizam o sistema binário de gênero e suas hierarquias de poder (Parker, 1991).

Então, para homens, o feminino se torna "o lugar do abjeto, impuro, contaminado e contaminável" (Bento, 2011, p. 363). Portanto, a partir de diversas práticas, exemplificadas anteriormente, os homens são "orientados" a se afastarem de atitudes sentimentais, emotivas, dóceis, maternais, submissas, amorosas etc, por serem associadas à feminilidade (Jablonski, 1995; Oliveira, 1998; Welzer-Lang, 2001; Zanello, 2018). Percebe-se, assim, como o gênero é uma categoria analítica relacional.

Essa distinção, que torna os gêneros, extremamente, opostos, sustenta relações hierárquicas desiguais (Connell, Messerschmidt & Fernandes, 2013; Oliveira, 1998). Por exemplo, se pensarmos em uma mesma situação, é preciso identificar se esta está sendo vivenciada por homens ou mulheres, uma vez que terá impactos diferentes de acordo com os processos de socialização. Os homens, ao terem vantagens em comparação com as mulheres, tornam, de forma direta e/ou indireta, as oportunidades destas significativamente mais desafiadoras e limitadas, seja na esfera privada ou na esfera pública. Mesmo os deveres associados à esfera privada serem designados ao feminino, os homens têm os direitos e os privilégios nessa esfera, como por exemplo no exercício da sexualidade.

Assim, reflita comigo, quem vai querer perder privilégios, sendo neste caso, pelo simples fato de ser homem? Para muitos, ter poder é desejável, ter status e mais possibilidades e opções ao longo da vida, mesmo com os ônus e as constantes demandas presentes para se manter nessa posição (Oliveira, 1998; Welzer-Lang, 2001).

Uma vez no topo dessa hierarquia, é cobrado que eles se mantenham nela (DaMatta, 2010). Os homens, então, devem permanecer controlados e auto vigilantes para que suas emoções, seus corpos e seus atos não saiam do que se espera socialmente (DaMatta, 2010; Zanello, 2018). Para que não seja questionada a sua suposta superioridade em relação aos outros. E, assim, desenvolve-se, muitas vezes, a criação de uma máscara firme e rígida, sendo muitas emoções contidas e o choro inaceitável...

Já que, quando sua masculinidade é contestada, o homem pode ser posto em uma posição de inferioridade. Sua masculinidade, divergindo da hegemônica, é vista, frequentemente, como inadequada, subordinada e é até mesmo questionada. Este homem passa, muitas vezes, a ser considerado uma "mulherzinha" ou "veado", ou seja, um não homem (Welzer-Lang, 2001). Logo, o exercício da masculinidade hegemônica é homofóbico e sexista (Junqueira, 2009; Oliveira e Madureira, 2014). Ou seja, a partir das normas de gênero, todos/as são impactados/as, principalmente as pessoas que transgridem essas normas (Junqueira, 2009).

Essa "escolha" pelo afastamento dos papéis vinculados à masculinidade hegemônica é percebida, diversas vezes, como uma “desobediência a um rígido sistema de classificação”, "uma prova inequívoca de desprezo à solidariedade básica devida ao gênero masculino" e, até mesmo, como uma atitude de "ficar satisfeito em ser uma releitura imitação" (DaMatta, 2010, p. 141).

Por isso, ao longo do seu desenvolvimento psicológico, é considerável a quantidade de homens que passam por aprovações constantes para (re)afirmar e (re)conquistar sua

masculinidade (Cecarelli, 1998). Diversos autores, como DaMatta (2010), Welzer-Lang (2001) e Zanello (2018), discorrem sobre a homossociabilidade, como estratégias e práticas voltadas à virilidade e à sexualidade, tão exigidas no exercício da masculinidade hegemônica. Comportamentos repassados por homens/meninos mais velhos, que foram ensinados e instruídos por outros, em um verdadeiro ciclo de rituais (Welzer-Lang, 2001). Alguns exemplos desses comportamentos são as:

Competições de pintos, maratonas de punhetas (masturbação), brincar de quem mija (urina) o mais longe, excitações sexuais coletivas a partir de pornografia olhada em grupo, ou mesmo atualmente em frente às strip-poker eletrônicas, em que o jogo consiste em tirar a roupa das mulheres (Welzer-Lang, 2001, p.462).

Cada um passa por este processo de iniciação de uma forma diferente, como cada um percebe e pode transmitir ou não tais “aprendizados” de formas diferentes. Essas “provas” são ilimitadas, os homens continuam sendo exigidos a performar sua masculinidade diariamente (Zanello, 2018). Ou seja, as masculinidades estão em constante tensão, são fluidas e variam de significado (Kimmel, 2016), como qualquer identidade. “Ela [masculinidade] não é estática, nem atemporal; não é uma manifestação de uma essência interna (nem biológica), mas uma construção cultural, a qual possui sentidos distintos em tempos diversos” (Zanello, 2018, p. 221). Como Kimmel (2016) acrescenta, a masculinidade é histórica.

Atualmente, estereótipos tão exacerbados na masculinidade hegemônica, como a sexualidade e o trabalho, deixaram de ser restritos aos homens. Por meio da luta feministas, muitos direitos foram alcançados. Badinter (1993, p. 12) apresenta a significativa contribuição das francesas, para esse processo:

Consideradas as primeiras feministas, as “preciosas” – mulheres da aristocracia e alta burguesia, solteiras, independentes economicamente –, defendiam a igualdade entre os sexos, o direito ao amor e ao prazer sexual, o acesso à mesma educação intelectual dada aos homens. Questionando a instituição casamento e os papéis de esposa e mãe como destino da mulher, elas inverteram os valores sociais da época. Apesar de seus opositores, elas conseguiram algumas mudanças.

Agora, muitas de nós, mulheres, estamos na esfera pública, com uma participação efetiva no sustento da família, para nos realizarmos profissionalmente, competindo com os homens em cargos na esfera profissional (Araújo, 2005; Wang, Jablonski & Magalhães, 2006). Sexualmente, não aceitamos ser objetos de satisfação do homem, queremos nos satisfazer e ter prazer, de forma ativa, exigimos ter autonomia de escolher nossos métodos contraceptivos (Araújo, 2005; Wang, Jablonski & Magalhães, 2006).

Então, determinados espaços e posições, que eram exclusivamente masculinos, começaram a ser questionados. O que antes eram deveres incontestáveis, hoje não são mais pertinentes (Wang, Jablonski & Magalhães, 2006). Tais questionamentos sobre suas identidades começaram a surgir, não só pela contribuição dos movimentos feministas e LGBTs, como também pela própria dinâmica das sociedades contemporâneas, onde as identidades e as relações estão cada vez mais fluidas (Araújo, 2005; Wang, Jablonski & Magalhães, 2006).

Nesse momento, os homens estão tendo a experiência de (re) pensar sobre seus direitos, deveres e reais necessidades, para além dessa perspectiva binária de gênero, como também refletir sobre novas possibilidades de se relacionar e de se perceber (Araújo, 2005; Wang, Jablonski & Magalhães, 2006). Entretanto, é importante destacar que não podemos generalizar esta crise da masculinidade a todos. Pois pensar nela é também pensar no homem

de classe média, que tem privilégios para além do seu gênero (Oliveira, 1998). É necessário considerar, assim, questões raciais, culturais, econômicas e sexuais, como esses aspectos podem ser favoráveis ou não para o uso do status "homem" como mantenedor de privilégios.

Oliveira (1998) aponta como homens das camadas populares e/ou marginalizados acabam usando do poder que o gênero lhes confere, para adquirir e conquistar mais privilégios e oportunidades, seja nas relações afetivas e sexuais ou no trabalho, por exemplo. Já Zanello (2018) apresenta as diferenças entre o homem branco e o homem negro, o negro tem seu corpo racializado e sua capacidade intelectual questionada, logo é socialmente considerado “abaixo” na hierarquia dos homens.

Nesse sentido, se pararmos para pensar, as construções e manutenções desses estereótipos vão muito além de um grupo de homens interessados em manter essa dominação, pois na realidade poucos realmente se encaixam nessa masculinidade (Connell, Messerschmidt & Fernandes, 2013; Oliveira, 1998). E poucos, realmente, conseguem se manter na masculinidade hegemônica.

São diversos fatores para a manutenção desse sistema de classificação e expectativas, tão arraigado nas diversas instâncias sociais. Contudo, cabe a nós nos responsabilizarmos em repensar essas estruturas e analisar esses fatores, pois causam consequências a todos/as, em diferentes níveis. Mulheres sofrem, homens sofrem, a sociedade, de modo geral, sofre. Pois essa "necessidade de ser mais poderoso do que os outros" (Oliveira, 1998, p. 9), pode ser externalizada até mesmo pelo uso da violência. Mas como?

3. As violências decorrentes da construção e manutenção da masculinidade hegemônica

Presente na nossa sociedade em diferentes esferas, a violência é um fenômeno social complexo. "Como um comportamento aprendido e culturalizado que passa a fazer parte dos padrões intrapsíquicos" (Minayo & Souza, 1998, p.11). Por muito tempo, questionou-se se a violência seria um determinante biogenético dos seres humanos (Minayo, 1994). Hoje, entende-se que "seu espaço de criação e desenvolvimento é a vida em sociedade" (Minayo, 1994, p. 7).

A violência está intrinsecamente associada às relações de poder e vai muito além de atos de criminalidade (Chauí, 2017). Ela é multifacetada. Está presente, afeta e é nutrida pelos mais diversos aspectos da nossa vida pessoal, política, social e cultural e isso inclui a nossa saúde (Minayo, 1994; Minayo & Souza, 1999). Sua importância nos estudos da psicologia é explícita. A violência afeta nossas emoções, pensamentos, comportamentos e relações. Trata-se de um problema da nossa sociedade, que precisa e pode ser resolvido e superado (Minayo & Souza, 1999).

Contudo, a partir da nossa própria história, como país, os/as brasileiros/as acreditam, frequentemente, que o Brasil não é violento (Chauí, 2017; Fonseca, 2018; Karnal, 2017). Seja, pela nossa ausência efetiva em guerras mundiais ou pelo nosso desuso do termo “guerra”, uma vez que utilizamos mais da palavra “revolução”, como por exemplo a Revolução da Farroupilha (Karnal, 2017). Ou, até, pela crença que somos o país do futebol e do carnaval (Fonseca, 2018). Reduzimos “as desigualdades econômicas, sociais e culturais, as diversas formas de exclusão, a corrupção, o “jeitinho brasileiro” (...) apenas à criminalidade” (Fonseca, 2018, p. 17).

Infelizmente, a partir das crenças perpetuadas, ancoradas na masculinidade hegemônica, muitas relações e atos de violência ocorrem no cotidiano da sociedade brasileira.

Entre elas, as físicas, psicológicas, morais, sexuais e patrimoniais. A partir das hierarquias de poder existentes entre os gêneros, as mulheres sofrem dessas violências de diversas maneiras. Mas os homens, entre si, não estão fora dessas relações violentas.

Deste modo, neste trabalho, a violência de gênero será compreendida como ações violentas promovidas em diferentes contextos sociais, que visam promover e manter o domínio do poder nas mãos dos homens (Almeida, 2014). Ou seja, é uma forma de controlar diversas transgressões (Almeida, 2014), tanto das mulheres quanto dos próprios homens.

Oliveira (1998, p. 2) discute como a "(...) solidão, sofrimento, angústia, tensão premente, fragilidade, inseguranças, problemas de identidade, opressão através do processo de socialização, inabilidade para manifestação de sentimentos (...)" estão presentes nas vivências dos homens. Podemos pensar que isso ocorre pois as demandas emocionais e comportamentais que o exercício da masculinidade hegemônica exige podem ser extremas e inalcançáveis plenamente (Oliveira, 1998).

Criam-se expectativas em relação aos "verdadeiros homens", que quando não alcançados promovem sentimentos de impotência e vulnerabilidade (Bourdieu, 2012; Oliveira, 1998). Muitas vezes, espera-se muito dos homens, demanda-se muita energia e esforço para cumprir com os seus papéis sociais, para se manter na sua "fachada", na sua "máscara", sem sair dos limites estreitos e rígidos ancorados na masculinidade hegemônica⁹.

Ao longo do seu desenvolvimento, os homens são cobrados para não só serem emocionalmente fortes, como também demonstrarem por meio do seu corpo e da sua força física seus atributos de virilidade. E os homens sofrem, se vigiam, se questionam e se punem no decorrer deste processo (Oliveira, 1998; Welzer-Lang, 2001). Além disso, "devem" se manter calados, sem demonstrar toda essa frustração e angústia, construindo uma máscara

⁹ Discussão interessante sobre a "máscara" usada pelos homens é apresentada no documentário, já mencionado, "The Mask You Live In".

rígida que esconde todas as inseguranças, afetos e emoções (menos o ódio) (Oliveira, 1998; Welzer-Lang, 2001; Windmöller, 2016).

É esperado coragem e virilidade dos homens e isso promove impactos nos diversos âmbitos da vida deles. Ou seja,

Encorajam e pressionam a recusar as medidas de prudência e a negar ou a desafiar o perigo com condutas de exibição de bravura, responsáveis por numerosos acidentes — encontram seu princípio, paradoxalmente, no medo de perder a estima ou a consideração do grupo, de "quebrar a cara" diante dos "companheiros" e de ser ver remetido à categoria, tipicamente feminina, dos "fracos", dos "delicados", dos "mulherzinhas", dos "veados" (Bourdieu, 2012, p. 66).

A violência, então, começa contra si mesmo (Bourdieu, 2012; Welzer-Lang, 2001; Windmöller, 2016). De acordo com Moura, Neves, Gomes e Albernaz (2012), a principal causa de morte, de homens entre 20 a 59 anos, diz respeito às causas externas, por meio de acidentes e violências. De acordo com informações fornecidas pelo Ministério da Saúde¹⁰, alguns dos motivos dos homens adoecerem e morrerem mais que as mulheres são: os homens acham que nunca vão adoecer e por isso não se cuidam, estão envolvidos na maioria das situações de violência, não procuram os serviços de saúde, estão mais expostos aos acidentes de trânsito e de trabalho e utilizam álcool e outras drogas com maior frequência. Então, por todas as crenças ancoradas na masculinidade hegemônica, mais riscos são assumidos.

¹⁰ Dados de Morbimortalidade Masculina no Brasil, disponível no site: <http://portalarquivos2.saude.gov.br/images/pdf/2018/fevereiro/19/Folder---dados-de-morbimortalidade-masculina-no-Brasil.pdf>

Minayo (2005) reforça que os homens morrem mais de acidentes, são os maiores infratores, correspondem a maior parte dos usuários de drogas, se suicidam mais e são as maiores vítimas e autores de homicídios. Desse modo,

Seja pela mera aventura da busca de sentido e prazer na vida, seja porque é a única forma possível de sobreviver e ter algum direito, sobretudo ao reconhecimento, ao respeito no interior de seu grupo e ao consumo, mesmo que conseguido de modo ilegal e violento (Souza, 2001, p. 1291).

Na tentativa de provar a todo momento sua masculinidade e sua repulsa a identificação com a feminilidade, tais expectativas ultrapassam o plano das ideias. Por meio da sociabilidade masculina, os homens aprendem mimeticamente a produzirem comportamentos violentos (Bourdieu, 2012; Nascimento, Gomes & Rebello; 2009; Welzer-Lang, 2001). Infelizmente, muitos homens acabam por apelar a atos de violência, de abuso e de intolerância, contra as mulheres e outros indivíduos considerados socialmente hierarquicamente “inferiores” para validar o seu status e afirmar sua virilidade frente à sociedade (Bourdieu, 2012; Welzer- Lang, 2001; Zanello, 2018).

É importante destacar que a violência de gênero pode ter como vítima, e como autor/a, tanto mulheres quanto homens. Contudo, diversos dados explicitam como as mulheres são violentadas, por homens, diariamente na nossa realidade. Sendo na maioria das vezes, homens próximos, como companheiros e familiares (Gomes, Minayo & Silva, 2005).

Em uma pesquisa realizada em 187 municípios do Brasil, cerca de 20% das mulheres declararam, espontaneamente, que foram vítimas de violência cometida por homens; e quando incentivadas esse número aumentou para 43%, sendo mais da metade das violências realizadas pelo companheiro (Oliveira, Recaman & Venturi, 2004). Em 2015, foram

realizados cerca de 76 mil atendimentos pelo Ligue 180, decorrentes das violências contra a mulher¹¹. De acordo com Gomes, Minayo e Silva (2005), mulheres entre 15 e 44 anos morrem mais com a violência de gênero do que com o câncer, a malária, os acidentes de trânsito e as guerras.

Assim, a violência de gênero, produzida pelos homens, pode ser compreendida como:

Expressão de uma resposta emocional reativa, instrumentalizada dos homens para manter ou recuperar as fronteiras de gênero socialmente estabelecidas, mantendo ou defendendo as prerrogativas e os privilégios masculinos diante do rebaixamento que representam as margens de empoderamento físico, econômico e político, especialmente obtidos pelas mulheres nas três últimas décadas (Almeida, 2014, p. 333).

O homem ao violentar uma mulher, que seria nessa perspectiva considerada “inferior” a ele, acaba por evidenciar que tem fragilidades, medos e inseguranças (Oliveira, 1998). Oliveira (1998) menciona que existem estudos com estupradores que demonstram-se emocionalmente fragilizados, inseguros e com baixa autoestima.

Cabe destacar que essa "sistemática violência contra as mulheres têm uma relação profunda e direta com a abjeção aos gays femininos, aos meninos femininos, as travestis, as transexuais" (Bento, 2011, p. 365). Com predominância das crenças amorosas na heteronormatividade e na masculinidade hegemônica, muitos homens que diferenciam-se destas normas são inferiorizados, sofrendo diversas violências (Windmöller, 2016).

Percebe-se, assim, que ressignificar as crenças e expectativas sociais acerca das masculinidades é fundamental e benéfico para a sociedade como um todo. Considerando que,

¹¹ Panorama da violência contra as mulheres, disponível no site:
<http://www.senado.gov.br/institucional/datasenado/omv/indicadores/relatorios/BR-2018.pdf>

atualmente, em diversas partes do mundo, as relações de gênero estão promovendo vivências, sentimentos e comportamentos que são prejudiciais até mesmo para os próprios homens.

4. Metodologia

Como é destacado por Lênin (1965, p. 148) “o método é a alma da teoria”, ou seja, sua escolha é de extrema importância, se tornando um desafio explorar o objeto da pesquisa sem empobrecê-lo. Tendo como base tal prerrogativa, essa pesquisa utilizará da metodologia qualitativa.

O método qualitativo possibilita que o/a pesquisador(a) compreenda contextos carregados de histórias, significados, experiências, motivações, aspirações, crenças, valores, atitudes e expressões humanas que vão além do manifesto pelo sujeito, por meio destes recortes pode-se entender, de forma mais aprofundada, diferentes facetas da realidade social plurideterminada, dinâmica e complexa que vivemos (Gomes, 2007; González Rey, 1999; Madureira & Branco, 2001; Minayo, 2007).

Na metodologia qualitativa, o conhecimento construído a partir da pesquisa não é considerado um espelho da realidade. Uma vez que, a partir dos seus pressupostos, nos comprometemos a analisar e interpretar recortes da cultura que os sujeitos estão inseridos. Ou seja, mesmo com as suas particularidades, os indivíduos partilham e vivenciam relações, processos e realidades sociais que marcam, de diferentes formas, a sua subjetividade (González Rey, 1999; Minayo, 2007).

Um dos aspectos interessantes da pesquisa qualitativa é a sua flexibilidade em termos metodológicos (Madureira, 2007). Na pesquisa qualitativa nada é dado e produzido unicamente por um sujeito, constroem-se as informações em conjunto, pesquisador(a) e participantes, em uma espécie de co-construção de significados, ou seja, o papel de ambos é ativo (Madureira, 2007).

Como Minayo (2007) discute, por meio da pesquisa qualitativa, cada um que se envolve na pesquisa, seja pesquisador ou participante, influencia de diferentes formas o

processo do trabalho, através da sua visão de mundo. Ou seja, é possível co-construir e analisar complexos universos de significados por meio da pesquisa qualitativa (Minayo 2007).

Assim, essa pesquisa foi inspirada nos pressupostos epistemológicos desenvolvidos por González Rey, que se baseia nos seguintes princípios: (a) o conhecimento é uma produção construtiva-interpretativa, (b) a produção de conhecimentos é interativa e relacional e (c) o reconhecimento da legitimidade da singularidade na produção de conhecimentos (González Rey, 1999, citado por Madureira & Branco, 2001).

4.1. Participantes

Para esta pesquisa, estavam previstos inicialmente seis participantes, contudo, em virtude de um contratempo de um dos voluntários, o mesmo não pôde chegar no horário marcado para a realização do encontro do grupo focal. Desse modo, participaram desta pesquisa cinco participantes, todos do gênero masculino, entre 20 e 24 anos, estudantes de diferentes cursos de Graduação em instituições de ensino superior público ou particular no Distrito Federal.

Escolhi esse perfil de participantes para que o grupo tivesse uma certa homogeneidade quanto ao grau de escolarização, ou seja, para que houvesse uma relativa similaridade na forma como os participantes comunicam-se entre si. Uma vez que, como Lervolino e Pelicioni (2001) afirmam, é necessário haver certas características homogêneas no grupo focal, para que seja um momento agradável de trocas para todos.

Na Tabela 1, a seguir, são apresentados os dados sociodemográficos dos participantes. Ademais, cabe mencionar que os nomes utilizados são fictícios, a fim de manter o sigilo quanto às identidades pessoais dos participantes.

Tabela 1

Dados sociodemográficos dos participantes.

Nome (Fictício)	Idade	Religião	Curso
Bernardo	22 anos	Ateu	Psicologia
Eduardo	20 anos	Evangélico	Gestão Pública
Murilo	20 anos	Católico	Direito
Vinícius	24 anos	Ateu	Economia
Felipe	22 anos	Agnóstico	Design Gráfico

4.2. Materiais e instrumentos

Foram utilizados como instrumentos, para a realização do grupo focal, um roteiro contendo uma dinâmica e questões norteadoras (Anexo A), além de vídeos relacionados ao tema, previamente selecionados. Para a realização da dinâmica, foi solicitado que cada participante escrevesse em uma folha em branco, sem se identificar, sentimentos que gostariam de expressar e comportamentos que gostariam de realizar, contudo não os fazem para cumprir com o exercício da masculinidade hegemônica. Os vídeos utilizados foram: “Querido Papai”, “Precisamos falar com os homens?” e “*The Mask You Live In*”.

Ademais, foram usados como materiais canetas, folhas A4 em branco, gravador de celular, computador, projetor e os Termos de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) impressos (Anexo B). Pretendia-se utilizar, também, como instrumento, diários com reflexões escritas pelos participantes, após a sessão de grupo focal, por sete dias. Contudo, nenhum dos participantes produziu o diário solicitado.

4.3. Procedimentos de construção de informações

É importante ressaltar que o projeto de pesquisa, inicialmente, foi submetido e aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa do UNICEUB, de acordo com o parecer emitido (Anexo C). Após o parecer favorável do Comitê, a pesquisadora entrou em contato com os participantes da pesquisa para estabelecer a data e o horário mais conveniente a todos os envolvidos, para a realização da sessão de grupo focal. O encontro foi realizado em uma sala de aula do UniCEUB, previamente reservada.

Utilizou-se como estratégia metodológica o grupo focal, por ele possibilitar, por meio de instrumentos, estratégias e atividades coletivas, como dinâmicas e o uso de vídeos, a construção de informações de pessoas que vivenciem e/ou tenham conhecimento sobre o assunto da pesquisa no seu cotidiano (Gatti, 2005). O grupo focal possibilita trocas entre os participantes que podem gerar conteúdos significativos, que não seriam possíveis sem essa interação, e com uma linguagem cotidiana e “natural” para eles (Grogan & Richards, 2002; Souza Silva & Assis, 2018). Ademais, a partir da pesquisa de Grogan e Richards (2002), eles identificaram que os homens falam mais livremente em grupos do que frente a uma pessoa.

Assim, entendo que o uso do grupo focal é um método adequado no contexto dessa pesquisa. Primeiramente, porque propicia que um dos objetivos específicos seja alcançado. Ou seja, a própria sessão de grupo focal pode ser uma prática que promove a resignificação sobre os atuais conceitos de masculinidade hegemônica. Portanto, é possível promover trocas, mudanças e resignificações a partir da participação de pessoas de círculos sociais diferentes, com ideias e vivências diversas sobre um mesmo assunto (Gatti, 2005).

Além disso, como mulher, realizando uma pesquisa com participantes unicamente do gênero masculino, esta estratégia se tornou eficaz dado que os participantes, se percebendo como semelhantes, compartilharam suas vivências, sentimentos e percepções

sobre a temática da pesquisa de forma mais autêntica (Galli, 2005). Uma vez que o grupo focal possibilitou interações significativas e co-construções de significados pertinentes, considerando os objetivos da pesquisa.

Cabe mencionar que, no encontro do grupo focal, elucidei os objetivos e as questões éticas envolvidas na pesquisa, através da leitura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), bem como elucidei as dúvidas dos participantes. Além disso, solicitei a todos os participantes que o encontro fosse gravado, e os mesmos concordaram. Além disso, os participantes foram informados que suas identidades pessoais serão mantidas em sigilo.

Ademais, durante o encontro, que teve duração de duas horas, busquei que os participantes debatessem sobre as questões do roteiro previamente preparado, sem a obrigatoriedade de seguir as perguntas em ordem fixa. Esse roteiro envolveu a exibição de vídeos previamente selecionados, referentes ao tema da pesquisa. Como afirma Loponte (2002, p.284) “em uma época de visualidade exacerbada como a que vivemos, as imagens dizem muito, nos produzem, nos significam, nos sonham”. Por isso, os vídeos previamente selecionados foram um recurso para ampliar os debates no grupo focal (Anexo A). Além de possibilitarem a construção de significados, que seriam dificilmente elaborados por meio apenas de perguntas (Madureira, 2016), os vídeos foram uma ferramenta metodológica fértil para discutir assuntos considerados polêmicos e delicados. Sendo, assim, essencial para a realização desta pesquisa.

Assim, o primeiro momento do grupo focal foi voltado para a apresentação, tanto da pesquisa e da pesquisadora, quanto dos participantes. O segundo momento visou compreender as perspectivas e vivências dos participantes sobre as masculinidades, identificando pontos convergentes e divergentes. E, por fim, o terceiro momento foi destinado à discussão das possíveis vivências de violência presentes nas relações interpessoais e intrapessoais. Ademais, ao longo do debate, abordei com os participantes

sobre os momentos e os espaços que os mesmos sentem que podem refletir e ser autênticos, para expor suas crenças e sentimentos sobre a temática das masculinidades.

Ao fim do encontro, solicitei que cada um dos participantes produzisse ao longo de uma semana (sete dias) um diário com reflexões e considerações sobre sentimentos e vivências do seu cotidiano que, de alguma forma, se relacionasse com o conteúdo das discussões promovidas na sessão do grupo focal realizada ou com o tema da pesquisa. Este diário poderia ser digital e enviado através de email, como também manual e entregue pessoalmente à pesquisadora. Contudo, vale mencionar que os diários não foram elaborados pelos participantes. Ademais, todos os gastos da pesquisa foram custeados pela pesquisadora.

4.4. Procedimentos de análise

Para analisar as informações construídas ao longo da pesquisa de campo, foi, inicialmente, efetuada pela pesquisadora a transcrição literal do áudio da sessão de grupo focal, sendo que ao final da pesquisa, estes foram destruídos. Após este procedimento, o método utilizado foi da análise de conteúdo temática. Esse método possibilita que a pesquisadora identifique e analise sentidos que vão além do que está sendo comunicado e manifestado explicitamente pelos participantes (Gomes, 2007).

Foram realizadas as três fases da análise de conteúdo: "pré-análise, exploração do material, tratamento dos resultados obtidos e interpretação" (Gomes, 2007, p. 75). Ou seja, foram selecionados, inicialmente, trechos significativos que pudessem orientar o trabalho interpretativo, a partir de uma leitura minuciosa do material completo. A partir disso, com o apoio e o suporte da professora orientadora, foram construídas categorias analíticas temáticas que integram os objetivos da pesquisa, a fundamentação teórica e as informações construídas ao longo da pesquisa de campo. Para, assim, promover uma análise reflexiva e crítica dos

conteúdos e das falas dos participantes geradas a partir da pesquisa de campo, articulando tais conteúdos com a discussão teórica sobre as identidades de gênero, masculinidades e violência.

De forma específica, as categorias analíticas temáticas construídas foram: (a) As violências vivenciadas e praticadas pelos homens: vivências paradoxais; (b) Ser homem: o convívio cotidiano com a dor; e (c) Estratégias de sensibilização e responsabilização dos homens em relação à cultura machista no Brasil.

5. Resultados e Discussão

Conforme mencionado anteriormente, para apresentar e discutir as informações mais significativas das vivências dos participantes, serão consideradas como base as três categorias analíticas temáticas. Lembrando que, a seguir, os nomes apresentados são fictícios.

5.1. Ser homem: o convívio cotidiano com a dor

Ultimamente, diversos autores e autoras vêm estudando e discutindo sobre as masculinidades, nos mais diversos campos de estudo, dentre eles a Psicologia. Mas será que os próprios homens - que vivenciam e lidam, diariamente, com as cobranças e as crenças sobre as masculinidades - estão se questionando o quanto essas crenças influenciam em suas vidas?

Quando perguntei aos participantes "O que é ser homem, para vocês, em uma frase?", todos permaneceram meio minuto calados, se entreolhando, esperando o primeiro a falar. Esse silêncio carrega um simbolismo muito significativo, pois crescemos com crenças e expectativas sobre o papel dos homens na sociedade. Logo, se torna difícil e incomum nos depararmos com questionamentos acerca da masculinidade, que ocupa um local privilegiado e tão hegemônico na nossa cultura.

De acordo com Badinter (1992), Kimmel discutiu em sua obra que ele, como homem branco, se vê como um indivíduo genenalizado e genérico. "A explicação sociológica para tal cegueira está, diz Kimmel, no fato de que nossos privilégios são com frequência invisíveis para nós" (Badinter, 1992, p. 10). Ou seja, a vivência de um homem branco, heterossexual e rico é bastante diferente da de uma mulher negra, lésbica e pobre, que passa por diversos

preconceitos e desigualdades, por causa das suas identidades historicamente discriminadas.

Desse modo,

Pensamos a masculinidade como sendo uma essência eterna e atemporal que reside profundamente nos corações de cada homem. Pensamos como algo, uma qualidade que alguém possui ou não. Pensamos a masculinidade como sendo inata, residindo na composição biológica particular do macho humano, o resultado de androgênios ou a posse de um pênis. Pensamos sobre a masculinidade como uma propriedade tangível e transcendente que cada homem deve manifestar no mundo (...) (Kimmel, 2016, p. 99).

Mas será que os homens, da nossa sociedade atual, realmente se sentem desse modo?

Percebi uma significativa dificuldade de encontrar homens interessados em participar da minha pesquisa. Alguns demonstravam interesse em participar, inicialmente, contudo, quando descobriam que seria um encontro para falar sobre suas vivências como homens, logo relatavam que não seria possível. Com isso, considero que os homens que aceitaram participar desta pesquisa, em algum nível estão disponíveis para refletir e discutir sobre as questões de gênero.

Neste sentido, desde o princípio, os participantes da atual pesquisa demonstraram estar insatisfeitos com as crenças e práticas ancoradas na masculinidade hegemônica. Que é definida por Kimmel (2016, p. 105) como a personificação de "um homem no poder (in power), um homem com poder (with power), e um homem de poder (of power)". Ou seja, um sujeito que está em uma posição dominante, tanto em relação a outros homens quanto em relação às mulheres, sendo "forte, confiante, ativo, destemido, determinado, realizador, independente, objetivo, pragmático, racional, emocionalmente equilibrado, profissionalmente

competente, financeiramente bem sucedido e sexualmente impositivo" (Wang, Jablonski & Magalhães, 2006, p.55).

Então, nas falas dos participantes é possível perceber que eles reconhecem os seus privilégios em relação às mulheres e, em alguns momentos, até sobre outros homens. Mas, muito se discutiu, no grupo focal, sobre o sofrimento que os homens sentem ao buscar exercer plenamente a masculinidade hegemônica. Algumas cobranças como, por exemplo, demonstrar força e virilidade, ser competitivo, ter sucesso profissional e econômico, foram considerados pelos participantes, como expectativas que geram muito sofrimento e angústia. Percebe-se, assim, que o desempenho é um dos aspectos centrais no exercício da masculinidade hegemônica (Wang, Jablonski & Magalhães, 2006; Zanello, Fiuza & Costa, 2015).

Mas como não é possível desempenhar plenamente a masculinidade hegemônica e permanecer nesse lugar de poder o tempo todo, nos mais diversos aspectos da vida, desenvolve-se uma significativa angústia. "O masculino é, ao mesmo tempo, submissão ao modelo e obtenção de privilégios do modelo" (Welzer-lang, 2001, p. 464). Desse modo, os homens se tornam oprimidos pela própria opressão (Zanello, Fiuza & Costa, 2015). E isso fica visível com a fala de Bernardo, que exponho a seguir.

"Eu acho que o homem é uma forma particular de sofrer. (...) Sofrer de viver, (...) de sobreviver, de subjetivar (...). É como se já houvesse um modelo vigente de masculinidade e a gente tenta se encaixar (...) e aí o sofrimento vem porque ninguém consegue se encaixar perfeitamente nesse arquétipo."

Esse relato, associado à discussão teórica apresentada nesse trabalho (Badinter, 1993; Cecarelli, 1998; Kimmel, 2016; Matta, 2010; Oliveira, 1998; Welzer-lang, 2001; Zanello,

2018), demonstra como a busca pelo status de "homem de verdade", ou seja, aquele que exerce plenamente a masculinidade hegemônica, é incessante e inalcançável (Kimmel, 2016).

São aprendizagens que promovem sofrimento, dor e insegurança (Kimmel, 2016; Welzer-lang, 2001), como os próprios participantes expressaram. Torna-se um conflito entre “não ser macho o bastante ou sê-lo em excesso” (Badinter, 1993, p.6). E, para se manter nesse exercício, as inseguranças não podem ser compartilhadas com os outros, nem mesmo os mais próximos, pois demonstra fraqueza. Como Murilo relatou: *"(...) Ser homem é muitas vezes também esconder de todas as formas possíveis as nossas inseguranças (...)"*

Mas esconder de quem? De si mesmo ou da sociedade? De modo geral, os participantes relataram que se veem cobrados pela sociedade. Relatam que seus comportamentos são influenciados pelo meio em que estão e que a aprovação das pessoas é importante para a construção e manutenção destes comportamentos. Desde que nascem, os homens, assim como as mulheres, aprendem e observam modelos de comportamentos, tanto na sua família como em outros meios sociais (Wang, Jablonski & Magalhães, 2006). Essas normas são testadas e cobradas, frequentemente, ao longo da vida. Tornando, assim, a masculinidade um aspecto a ser provado e validado pelos outros homens, constantemente (Cecarelli, 1998; Kimmel, 2016).

Como já mencionado, existem diversas práticas que buscam a aprovação da masculinidade por meio de “testes” de virilidade, força e sexualidade (Matta, 2010; Welzer-Lang, 2001; Zanello, 2018). Badinter (1993, p.3) afirma que “ser homem se diz mais no imperativo do que no indicativo” (Badinter, 1993, p. 3). Por meio de frases comuns na nossa sociedade como “seja homem” e “prove que você é homem”, ele demonstra o quanto a masculinidade deve ser provada e conquistada a todo momento pelos homens. “Isto é, a virilidade masculina deve ser fabricada e afirmada em todas as circunstâncias para ser validade” (Zanello, Fiuza & Costa, 2015, p. 240).

Ou seja, ao invés de demonstrar suas inseguranças, os homens frequentemente: (a) constroem máscaras, que escondem os sentimentos, as necessidades e os desejos pessoais, principalmente relacionados ao feminino; e (b) provam sua masculinidade na esfera pública (ambiente designado as tarefas masculinas), por meio dos comportamentos, vestuário, vocabulário, gestual, etc (Wang, Jablonski & Magalhães, 2006). Logo, é realizado "um conjunto exagerado de atividades que impedem que outros enxerguem através de nós (homens), e um esforço frenético de manter no cerco aqueles medos dentro de nós mesmos" (Kimmel, 2016).

Essas máscaras são prejudiciais para os próprios homens. Afinal, “a guerra que os homens empreendem em seus próprios corpos é inicialmente uma guerra contra eles mesmos. Depois, numa segunda etapa, é uma guerra com os outros” (Welzer-lang, 2001, p.463). Então, por exemplo, esse papel de cuidador(a) não “pode” ser vivido pelos homens, pois é considerada como uma característica “feminina”. Então, eles “devem” negar esta prática, inclusive no cuidado consigo mesmos.

Pensando no adoecimento psíquico, diversos homens não buscam ajuda de profissionais da saúde mental, pois correm o risco de não serem mais considerados fortes e viris. Podendo até mesmo ser “excluído da esfera pública e confinado no espaço privado, marcado pela rotina e ociosidade” (Santos 2000, citado por Zanello, Fiuza & Costa, 2015). Ou seja, eles podem perder um dos aspectos centrais que os constituem e como homens de modo coerente com o sistema binário de gênero. Nesse sentido, Felipe afirma que:

"É foda, aí você entra nessa no homem se reprimir para não demonstrar o que ele é de verdade, porque a sociedade não gosta disso. Então, depende muito da pessoa se descobrir, dela querer demonstrar aquilo, dela se propor a demonstrar aquilo, não é todo mundo, né?"

E se propor a demonstrar comportamentos diferentes dos associados à masculinidade hegemônica tem custos. Na dinâmica realizada, em que os participantes escreviam sentimentos e ações que gostariam de expressar, contudo não conseguem, dos cinco participantes, quatro escreverem que gostariam de chorar mais. Durante a discussão, todos trouxeram como o homem é ensinado a não chorar, nas palavras deles: a "engolir o choro". Mesmo a maioria falando que chora, sem grandes problemas, quando questionados qual a frequência deste comportamento na frente de amigos e familiares, só um dos participantes relatou chorar, os demais contaram não se recordarem de momentos assim.

O choro demonstra como funciona essas fronteiras simbólicas, que foram construídas, por meio da canalização cultural. Uma vez que “masculino e feminino são reduzidos a domínios antagônicos, rigidamente definidos e hierarquizados” (Oliveira & Madureira, 2014, p.1), delimitou-se que o choro é feminino. Pois, remete à sensibilidade e a emoção, só podendo ser vivenciada pelas mulheres ou pelos “não homens” (gays, transexuais, travestis). Devendo, então, ser totalmente evitado pelos homens.

Zanello (2018) problematiza até a nossa classificação de diagnóstico de depressão, que tem como um dos sintomas o choro. Ao não ser “permitido” aos homens chorar, pode-se estar subdiagnosticando a depressão no gênero masculino. Então, a falha da própria classificação diagnóstica, que não considera as questões de gênero, em conjunto com a construção social da masculinidade hegemônica envolve ocultar fraquezas e vulnerabilidades (Pinheiro, Couto & da Silva, 2012) acaba por promover uma certa “cegueira” até na nossa percepção sobre a saúde mental dos homens.

Para além disso, outros resultados significativos que emergiram a partir das discussões realizadas no grupo focal foram a vontade dos participantes quererem: ser sensíveis e frágeis, não agir de maneira agressiva ou violenta, conversar sobre sentimentos com homens, admitir que não sabe sobre algo, ter inseguranças e/ou ciúmes e sentir medo.

O que os participantes escreveram está em sintonia com diversos autores (Badinter, 1992; Ceccarelli, 1998; Oliveira, 1998; Welzer-Lang, 2001) que discutem sobre a crise da masculinidade. Mas essa nova mudança de paradigmas, em conjunto com uma nova crise da masculinidade, vem ganhando evidência a partir do final do século XX, pelas diversas mudanças socioeconômicas e políticas no mundo, bem como a partir dos movimentos feministas e LGBTs (Souza, 2005; Welzer-Lang, 2001).

Logo, a crise da masculinidade vem do incômodo e da insatisfação dos homens em relação ao modelo rígido da masculinidade hegemônica (Souza, 2005). A partir dos conflitos identitários, percebe-se que é possível (re)pensar sobre as mais diversas possibilidades de vivenciar as masculinidades (Silva, 2006). E, assim, vivenciar masculinidades menos tóxicas, em que os sujeitos possam se sentir mais autênticos.

5.2. As violências vivenciadas e praticadas pelos homens: vivências paradoxais

Com a sessão do grupo focal, foi possível confirmar como as práticas e as crenças baseadas na masculinidade hegemônica podem promover diversos tipos de violência. Os homens podem estar tanto no papel de autor, quanto no de vítima dessas violências. E, muitas das vezes, eles se veem vítimas, pois se sentem cobrados a exercer a masculinidade hegemônica.

Os participantes contaram que percebem o período escolar como o momento de maior provação. Welzer-lang (2001) afirma que esses momentos são muito recordados pelos homens como um rito de passagem. Como Bernardo disse: *“Toda hora, qualquer coisa que você fala tu é viado, qualquer coisa, qualquer curiosidade que você tem, se você, sei lá, se você não transou ainda com 16, 17 anos já é uma questão”*. Eles também falaram sobre a *hashtag* Ele Não (#EleNão), que foi um movimento político e social ocorrido neste ano

(2018) contra um dos candidatos à presidência. Eles disseram que se o homem defende causas como essas ou o feminismo, eles são rotulados como gays.

Percebo, assim, que em qualquer transgressão realizada por esses homens em direção ao “universo feminino”, eles são categorizados como gays, ou seja, como “não homens”. Esse processo que promove “a produção e a reiteração compulsória da norma heterossexual” é compreendido como heteronormatividade (Louro, 2009, p. 90). Por meio, de crenças dicotômicas baseadas no sistema binário de gênero, os homens utilizam, muitas vezes, da homofobia para assegurar que nenhum homem seja um desviante da regra (Kimmel, 2016).

A homofobia, nesse sentido, transcende tanto aspectos de ordem psicológica, quanto a hostilidade e a violência contra pessoas homossexuais, bissexuais, travestis, transexuais e intersexos etc. Ela, inclusive, diz respeito a valores, mecanismos de exclusão, disposições e estruturas hierarquizantes, relações de poder, sistemas de crenças e de representação, padrões relacionais e identitários, todos voltados a naturalizar, impor, sancionar e legitimar uma única seqüência sexo-gênero-sexualidade, centrada na heterossexualidade e rigorosamente regulada pelas normas de gênero (Junqueira, 2009, p. 375).

Por meio da heteronormatividade, há uma vigilância constante para que sigamos normas regulatórias (Barreto, 2016; Borrillo, 2009; Kimmel, 2016; Louro, 2009). Os homens sofrem consequências ao se aproximarem do que se considera socialmente como feminino. Seja defendendo movimentos feministas, ou não exercendo a virilidade sexual quando jovem, ato esperado de um “homem de verdade”. Com isso, se estabelece quem se aproxima mais e quem se afasta mais desse ideal, constituindo parte da hierarquia dos homens. Como Kimmel (2016, p. 112) afirma:

A homofobia é um medo que outros homens nos desmascarem nos emasculem, e revelem a nós próprios e ao mundo que não conseguimos estar à altura, que não somos homens de verdade. Temos medo de deixar os outros homens enxergarem esse medo. O medo nos envergonha porque o reconhecimento do medo em nós é uma prova para nós mesmos que não somos tão viris como fingimos ser (...). Nosso medo é o medo de humilhação. Sentimos vergonha de ter medo.

E esses processos, às vezes, nem são percebidos de tão naturalizados que são. São falas e comportamentos contínuos e constantes (Louro, 2009). É um tipo de violência simbólica, ou seja, “violência suave, insensível, invisível a suas próprias vítimas, que se exerce essencialmente pelas vias puramente simbólicas da comunicação e do conhecimento” (Bourdieu, 2012, p. 7).

Sobre essas violências na escola, como aborda Barreto (2016) e Junqueira (2009), os adolescentes, com a falta de apoio e de suporte do próprio corpo docente, se sentem mais ameaçados. Pois, promove-se uma manutenção, pela falta de estratégias de conscientização promovidos no ambiente escolar. A omissão, nesses casos, fortalece os promotores das violências.

Nesse sentido, o contexto social interfere significativamente na tomada de decisões e ações dos homens. Principalmente, quando composto por outros homens. Muitas vezes, em determinados ciclos sociais, os participantes contaram agir e performar masculinidades, que eles não se identificam pessoalmente. Bernardo, por exemplo, contou que: “(...) *tinha que fazer um personagem, tipo, de um cara que gostava muito de carro, porque homem gosta (risos), (...) que gosta muito de jogos de tiros*”.

Como Machado (2001) discute trata-se de quase um teatro, em que os homens devem exteriorizar e exibir um “eu” masculino. No caso compartilhado pelo participante, o exibicionismo ocorre por meio do conhecimento sobre carros, que é um “símbolo da potência, do tempo veloz e da hiperliberdade hedonista para os rapazes da classe média” (Minayo, 2005, p.). Cabe mencionar, também, os jogos contendo armas de fogo, que simbolizam o domínio, o poder e o prazer (Minayo, 2005). Sendo o prazer associado ao exercício do poder desmensurável...

Vínicius compartilhou uma fala de um amigo sobre esta pressão que os homens sentem de exercer a masculinidade hegemônica, agindo, às vezes, sem nem concordar com os atos e as consequências das ações: “ (...) *ele falou assim "têm coisas que eu falo lá, que eu não sei porquê eu falo, têm momentos que eu falo coisas lá que nem sou eu. Assim, mas eu to falando, porque tá lá naquele grupo, tá todo mundo falando"*.

E quando os homens não performam essa masculinidade hegemônica se tornam passíveis a sofrerem *bullying* e outras violências. Felipe contou que sofreu *bullying* durante a infância, por não se enquadrar nos padrões sociais de masculinidade hegemônica. No seu relato é possível identificar muita dor. Nas palavras de Felipe:

Isso acabou me deixando com problemas psicológicos, entrei em depressão, não queria sair de casa. Eu tinha medo. As pessoas queriam me agredir por nada, então você fica: “Por que?”. Por que as pessoas são violentas? Não tinha motivo, eu não mexia com ninguém, eu não falava com ninguém não, nada demais. Era ódio, era só ódio. E aí eu cresci com o psicológico fudido, me perguntando "O que eu tenho de errado?”. Eu achava que o problema era em mim.

É interessante que Felipe questiona o porquê de ter sofrido *bullying*, mesmo não tendo praticado nada. Muitos jovens que estão nessa posição devem se questionar a mesma coisa, devem crer que estão fazendo algo de “errado”. Kimmel (2016) discute como os jovens que promovem o *bullying*, na maioria das vezes, só estão querendo provar a sua masculinidade. E eles selecionam as vítimas consideradas mais fracas para isso, pois se sentem mais seguros de enfrentá-las (Kimmel, 2016).

Não podemos esquecer que para além da hierarquia de gênero, há a hierarquia entre os homens. Já sabemos que os homens exercem seu poder e têm vantagens sobre as mulheres, mas vamos nos atentar em relação à luta e à conquista pelo “topo da hierarquia” entre os próprios homens. Como Bernardo afirma: “(...) *se você é um homem diferente, você está tirando de mim a minha masculinidade, sabe? A minha forma de ser homem está sendo prejudicada pela sua forma de ser homem*”. E o participante discute, a seguir, como essas relações e comparações masculinas interferem nas relações com as mulheres.

Quando eu comecei a namorar, querendo ou não alguma dessas pessoas que são escrotas a gente tem uma certa admiração. E a gente reproduz essas atitudes grotescas, às vezes. Tipo, é muito trabalhoso começar a perceber que a gente tá errado e reproduzindo, muitas vezes a gente nem percebe que está reproduzindo. E quando percebe é uma perda muito grande "Pô, eu admiro tanto aquele cara, aquele cara tem um relacionamento, que na nossa visão, às vezes, é muito bem sucedido" e aí você pensa "Pô, ele trata ela dessa forma e tem um relacionamento tão bem sucedido e eu tratar minha namorada dessa forma não tá dando certo". É algo que é muito custoso, é foda de abrir mão.

Ou seja, os homens pelo mimetismo, aprendem maneiras de se comportar e de se relacionar a partir das ações de outros homens (Welzer-lang, 2001), seja o pai, o professor, o treinador ou outro homem de referência. Quando os meninos começam a ser inseridos nas práticas homossociais, eles buscam ser, frequentemente, como os homens que o estão ensinando (Welzer-lang, 2001).

Dessa forma, diversas violências deixam de ser praticadas apenas entre homens e passam a ser praticadas também com as mulheres, consideradas “subordinadas” a eles, no sistema binário de gênero. Os participantes trouxeram que percebem uma diferença significativa entre eles, como homens, e as mulheres. Eles identificam vantagens como: não sofrer assédios, não precisar escutar certas opiniões e julgamentos e ter a “razão” em determinadas situações. Um exemplo muito interessante foi apresentado por Vinícius:

“ (...) não existe a cobrança com o homem disso se você for pensar, e com mulher eu já ouvi, você ouve "vai ficar para a titia" e essas coisas assim, nada a ver. E não existe isso para o homem, assim, nunca vi pelo menos”.

Se pararmos para analisar a frase “vai ficar para a titia”, tal frase carrega um valor simbólico importante no que se refere ao papel feminino tradicional, o do seu compromisso com o lar e com a família. Então, se uma mulher não está construindo a sua família, por meio de uma relação conjugal heterossexual, o que será dela? A partir de então, começam os julgamentos sobre essa mulher, questionam como ela está cuidando da sua estética, como ela trata os parceiros, se ela está sendo educada e amorosa. Portanto, “a mulher solteirona é aquela que já é passada, sem nenhuma utilidade e é motivo de chacota para toda a sociedade” (Borges, 2015, p. 12).

Enquanto isso, como explicitado pelos participantes, os homens não são julgados por isso e nem precisam ouvir que vão “*ficar para o titio*”. Na realidade, estes homens são considerados “*coroas maneiros*” e “*Os caras*”. Como Borges (2015) enfatiza, o homem “solteirão” gera inveja nos demais, uma vez, que ele é livre e pode viver sua virilidade sem muitas restrições. Ou seja, enquanto a mulher é condenada por escolher vivenciar sua “solteirice”, o homem é socialmente exaltado.

A heterogeneidade dos sexos comanda destinos e direitos diferentes. Homens e mulheres evoluem em dois mundos distintos e nunca se encontram... fora do período da reprodução. Fortalecida com seu poder de gerar, a mulher reina como senhora absoluta no lar, orienta a educação dos filhos e encarna sem contestação a lei moral que decide sobre os bons costumes. É do homem o resto do mundo. Incumbido da produção, da criação e da política, a esfera pública é seu elemento natural (Badinter, 1993, p. 9).

Após exibir o vídeo “Querido Papai”, no encontro do grupo focal, alguns participantes discordaram quanto a sua proposta. Nas palavras deles, muito “extrema”. O vídeo aborda sobre como a violência contra a mulher está presente desde uma “brincadeira” reproduzida na fala de um menino na escola, até relações estáveis com o companheiro da mulher, e como essas violências podem se relacionar e produzir um ciclo de violências. Alguns participantes demonstraram, inicialmente, certo incômodo em relação ao vídeo em questão, de que pequenos atos podem gerar violências significativas. Contudo, após a fala de Murilo, eles começaram a repensar sobre a discussão estimulada pelo vídeo exibido. Murilo disse:

Me assusta bastante, sabe? Porque você me fala assim "Ah, não é todo homem que faz esse tipo de piada, não é todo homem que força beijo". Mas justamente por a gente estar inserido desde sempre nesse meio de piada, de você ter que ser másculo, é fácil eu falar "Eu nunca faria isso". Mas a gente tem que estar sempre alerta e esse vídeo traz isso. Eu fico com medo de um dia tratar minha namorada desse jeito, entendeu? Eu já me vi sendo machista, eu não me considero, mas eu já me vi sendo machista com ela. E é de extrema importância isso, às vezes você pode falar que é extremista demais, mas cara, acho que é necessário até.

Este relato contribuiu para que os outros participantes refletissem sobre a necessidade deles se atentarem sobre a naturalização de certas violências. Podemos compreender a intensificação das violências, por meio do ciclo a violência doméstica abordado por Soares (2005). O primeiro momento é a “construção da tensão na relação”, esse é o momento que conflitos e as violências mais invisíveis e simbólicas começam a surgir. O segundo momento é a “explosão da violência”, quando ocorre a violência mais grave. E o terceiro momento é a “lua de mel”, em que o agressor se arrepende e tenta reconciliar a relação, por meio de agrados e promessas de mudanças, por exemplo.

Faço uma analogia com uma panela de pressão, a pressão vai se criando aos poucos, do mesmo jeito que a intensidade da violência. Para chegar nas formas mais explícitas de violência, é comum que ocorra a prática de outras violências. Como uma espiral, a violência vai se intensificando e a frequência aumentando.

E com a fala do participante Murilo, eles começaram a perceber e compartilhar que as exposições das violências estão presentes há muito tempo, ocorrendo desde as suas infâncias. Estão nas relações familiares, nas escolas, nas igrejas (Minayo, 2005) e na mídia, em comerciais e novelas. Nós crescemos acreditando que determinadas atitudes são “normais”,

mesmo não sendo. Assumimos, muitas vezes, papéis que nos são ensinados (Minayo, 2005). Como exemplos, os participantes trouxeram: xingar a mulher de “puta” e “vadia” ou forçar alguma mulher a beijar o homem em uma festa.

Controem-se duas categorias para as mulheres (Machado, 1998; 2001), nesse sistema machista, em que: (a) a mulher é honrada, para casar e segue as normas ditas como corretas; ou (b) a mulher é vagabunda, puta, para “pegar”, devendo ser excluída, por não seguir as normas ditas como “corretas”. Sendo que quem classifica isso não são as próprias mulheres, mas sim os homens. As mulheres não “têm” poder nem sobre sua atividade sexual.

E essa falta de poder não se restringe à forma como as mulheres se identificam. As diversas violências estão presentes nas relações de poder, inclusive agindo sobre os corpos das mulheres. Vinícius compartilhou sobre uma, até então, considerada “brincadeira” que fazia quando adolescente.

Eu acho que tinha uns 12 ou 13 anos, não sei se era a sétima série, sei lá, não sei como que aconteceu isso, mas a brincadeira era passar a mão na bunda da menina, sacou? Tipo tinha uns 3, 4 meninos, assim, eu incluído neles, que a graça era chegar perto dela lá e passar a mão na bunda dela. Claro, era uma brincadeira, ela ficava meio puta. Olhando para trás "brincadeira", "piadinha", mas cara que absurdo, é muito errado, na hora era brincadeira, mas é errado sabe? Ainda mais quando você é mais jovem, às vezes cria um mindset para frente, se você não trabalhar nisso e discutir isso e não se dar conta no que você tá fazendo. Eu acho que a mensagem do vídeo é essa, tornar evidente que a normalização é problemática sim.

Como Fonseca (2018) discute, assumir as próprias ações violentas é fundamental para a conscientização sobre o que é considerado “correto e normal” socialmente. Trata-se de sair

desta visão de “eles fazem isso”, para “nós fazemos isso”. Trata-se de perceber que tais “brincadeiras” ocorrem, pois as relações de gênero são baseadas em relações desiguais de poder, em que o homem precisa reafirmá-lo e prová-lo constantemente (Silva, 2014). Nesse sentido, os participantes trouxeram como essa naturalização, pode gerar uma próxima violência mais grave, como o estupro. Bernardo disse:

“(...) tipo o estupro dentro de relações amorosas de longa data. Acontecem e muitas e muitas das vezes não é reconhecido como sendo um estupro. Tipo, "Como assim? Eu transei anos com essa mulher. 30 anos da minha vida e um dia que ela me diz não eu tô estuprando ela?"

O estupro, assim como está na lei nº 12.015 art.213, é um ato de crime hediondo contra alguém (Machado, 1998). Contudo, por todas as crenças criadas na nossa sociedade, homens não se veem cometendo tal ato, pois o “não” da mulher não é respeitado. Como as mulheres e os homens são ensinadas que as mulheres são “difíceis”. Muitas vezes, as mulheres usam do mecanismo de dizerem “não” antes do “sim”, para não serem julgadas como “puta” ou “fácil” e o homem compreende que aquele “não”, na verdade, esconde um “sim”. Como Machado (2001) diz, o “não” é compreendido como um rito de sedução.

Portanto, foi possível identificar múltiplos tipos de violência presentes no cotidiano desses homens. E ao discutirem sobre como essas violências ocorrem, os participantes abordaram diversos fatores. O primeiro deles foi a relação dos homens com as próprias emoções. Bernardo disse que *“parece que todo esse sentimento que poderia ser tristeza acaba sendo ódio e raiva”*.

Os homens, desde pequenos, não são ensinados a lidar com as suas emoções, principalmente, emoções socialmente consideradas como femininas (Silva, 2014). Sendo

difícil até expressá-las, se comparados com as mulheres. É incentivado, de forma indireta e direta, que eles sintam a raiva. Ao guardarem os sentimentos, como a tristeza, medo e dor, os homens as expressam, muitas vezes, como raiva (Silva, 2014). E ao permitir, frequentemente, que eles só sintam a raiva, quando surge a necessidade de lidar com outras emoções, os mesmos não têm recursos pessoais. O segundo fator para a ocorrência das violências de gênero, de acordo com os participantes, são as relações desiguais de poder entre os homens e as mulheres. E a fala de Bernardo é muito interessante sobre isso:

Querendo ou não, é muito bom ter poder e os homens têm poder a mais na relação. E você abrir mão desse poder que te deixa confortável, que te dá vários benefícios, apesar de ter seus malefícios. Mesmo que você tenha a melhor das boas vontades é difícil, não é só a conscientização, é um processo que vai muito além da conscientização. É uma parada que você vai ter que sofrer para perder e aprender a viver de outra forma.

Bernardo e Murilo discutiram como essas violências podem ser prazerosas. E perder algo prazeroso é difícil. Há o medo de se comportar de modo violento e agressivo, por causa do prazer que isso causa. Mas também há o medo da perda desse poder. E o prazer pode ser dos mais diversos, até o prazer da ascensão social. Já que o exercício da masculinidade hegemônica está associada a aprovação dos outros homens, ou seja, a aprovação social. E a busca pelo topo da hierarquia é incessante.

O terceiro fator é o que participante Eduardo denominou de “impulso”. Enquanto os outros participantes relatavam sobre situações de violência que viveram, Eduardo disse “Às vezes é impulsionado pela raiva, na hora a gente não tem a maturidade de pensar o que é o certo. A gente age pelo impulso”. Como se fosse um aspecto inato dos homens, até mesmo

em uma perspectiva de que eles não tem controle sobre certas ações. Nesse sentido, é como se os homens precisassem ser sempre compreendidos e perdoados pela sociedade (Minayo, 2005), já que foi algo maior que a sua vontade e consciência.

E, por fim, o quarto fator diz respeito à vontade de agir violentamente com os outros, por ter sofrido violências. Que foi o caso do Felipe, durante o período que sofreu bullying na escola. Silva (2014) discute que, após os homens serem vítimas de alguma(s) violência(s), ocorre uma internalização desta(s) tanto como um aprendizado, quanto como um estímulo para a sua prática. Como uma forma de vingança, alguns homens buscam promover um “equilíbrio justo”, praticando atos de violência contra outras pessoas (Silva, 2014). Um aspecto problemático disso é que cria-se um ciclo recorrente e persistente de violências, que só promove mais sofrimento.

Para finalizar essa subseção, apresento a seguinte fala de Murilo, sobre suas experiências envolvendo a violência. Nela é possível perceber as diversas discussões que tivemos ao longo dessa sessão do grupo focal. Entre elas, a hierarquia de poder entre os gêneros, a hierarquia de poder entre os homens e os papéis sociais que promovem a violência.

Teve dois casos, um caso em que eu fui de encontro com a violência de outro cara, eu acabei sendo vítima dessa violência dele, apanhei bastante de cinco moleques ao mesmo tempo. (...) [O segundo caso ocorreu], uma vez em um carnaval, aquela loucura, um menino bateu na minha prima, (...) eu bati nele e eu quebrei esse osso da minha mão. E o quanto isso é prejudicial tanto fisicamente quanto psicologicamente. No caso de eu ter apanhado eu fiquei fudido um mês, o que me afetou não foi a dor física, foi a dor psicológica de ter apanhado. Cara é difícil a gente superar isso, muito difícil mesmo. E nesse caso da minha prima, eu senti a cobrança de ser o

macho e acabei me machucando, e aí veio o questionamento na minha cabeça "Por que eu fiz isso?", eu poderia ter resolvido isso de outra forma.

A primeira violência, que Murilo relata ter sido agredido por outros cinco homens, traz consigo a dor de ter “perdido” sua honra. Quando ele relata que a dor psicológica foi mais significativa que a dor física, percebemos como as relações de poder hierarquizadas entre os homens está presente. Ao “perder” uma briga, é como se Murilo estivesse perdendo parte da sua masculinidade. Uma vez que o exercício da violência física é compreendida como um papel social tradicionalmente masculino (Machado, 2001).

Já no caso da violência envolvendo a sua prima, Murilo se percebe coagido a defender sua parente, pois ele está como seu protetor. Então, sua prima está sob a sua proteção. Logo, ao baterem nela, é como se estivessem violentando a sua honra (Silva, 2001). Neste momento também estava em risco o seu prestígio (Silva, 2001), uma vez que não defendê-la seria perder seu status de homem. Como Murilo contou, após o episódio, algumas pessoas o elogiaram por ter respondido violentamente. Ou seja, seu prestígio manteve-se intacto por praticar um ato considerado tipicamente masculino.

Com isso, percebe-se que por diversos aspectos sociais e culturais, os homens permanecem produzindo e reproduzindo ações violentas, sem perceber outros recursos possíveis para lidar com os conflitos. Mesmo após o relato de Murilo sobre a situação, os participantes não souberam dizer outra estratégia que ele poderia ter utilizado. Dado que a conversa, para eles, não iria resolver a situação exposta.

5.3. Estratégias de sensibilização e responsabilização dos homens em relação à cultura machista no Brasil

Ao longo do encontro, os participantes apresentaram como têm dificuldade de debater com os próprios homens sobre o exercício da masculinidade hegemônica. De acordo com o relato de Vinícius:

“(...) é difícil de falar com meus amigos, alguns amigos entendem. Mas quando vocês estão em um grupo cheio de homem, que é muito parecido, e tudo mais, você ir contra isso, às vezes, é complicado. Porque você, simplesmente, é desqualificado, no sentido que não ouvem o que você está falando”.

Além disso, Bernardo contou já ter sido excluído, sem explicações, de um grupo da rede social *Whatsapp*, por ser considerado “diferente”, ao confrontar atitudes machistas. Eles contaram como são diversas vezes chamados de “bichona”, “viadão” e “gay” quando vão contra algum ato que condiz com a masculinidade hegemônica. Como discutido anteriormente, utiliza-se da heteronormatividade e da homofobia, para que os homens continuem cumprindo e reproduzindo o que lhes é socialmente esperado. Com isso, Oliveira e Madureira (2014) apresentam que é de fundamental importância flexibilizar as fronteiras simbólicas entre papéis de gênero e combater práticas homofóbicas.

Barreto (2016) e Borrillo (2009) discutem como a homofobia é prejudicial até para os homens heterossexuais, já que relações próximas e afetivas entre homens são categorizadas como relações homossexuais. Logo, esses homens são frequentemente estigmatizados e sofrem consequências. Para evitar isso, Murilo chegou a dizer que suas relações sociais chegam a ficar setorizadas. Pois, de acordo com ele: “*em determinados*

assuntos, eu converso com esse perfil de pessoa, outros assuntos eu converso com essa galera. E isso é muito ruim cara, muito ruim. (...) Para mim isso é muito setorização, tem que medir suas palavras”.

Cada um dos participantes apresentou uma forma de lidar com todas essas barreiras, para se discutir sobre as masculinidades e o machismo. A estratégia desenvolvida por Vinícius, foi sentar individualmente com um amigo, conversar sobre o assunto, evitando falar com várias pessoas ao mesmo tempo. Para Bernardo trata-se de conhecer o seu limite e alertar os homens gradativamente, para não ser cansativo nem para ele e nem para os outros homens. Mas, além disso, ele trouxe uma fala muito significativa, sobre como o homem que está alertando os demais precisa ser respeitado, ou seja, ter sua masculinidade validada.

Eu tenho que me mostrar homem pros meus colegas de trabalho, porque como eles vão me respeitar? E é super importante ter alguém, uma pessoa que seja para questionar isso, mesmo que você não vá fazer isso todo dia e o dia inteiro, mas você tá lá e na hora que ele faz, ele pode pensar "putz, véi, o Bernardo pode vir conversar comigo isso né?". E aí, às vezes, ele vai se podando, pode nem ser uma coisa muito saudável, não para ele, mas para quem tá ao redor é. E pode ir mudando a cultura do lugar.

Sobre essa última fala, em que Bernardo questiona a real mudança de comportamentos e crenças da pessoa, os participantes discutiram que, realmente, não conseguem saber se os homens que eles conversam mudam de forma autêntica certas atitudes ou apenas evitam de realiza-las na frente deles. No fim, eles chegaram ao consenso de que devem continuar conversando e alertando os outros homens, mesmo que não seja uma mudança real. A respeito disso, Murilo argumentou que “o fato da gente não ter sucesso em

fazer com que a pessoa entenda não quer dizer que a gente não deva estar sempre conversando, dialogando. É difícil mesmo, mas é necessário ter esse diálogo”.

Ao fim do encontro do grupo focal, após discutirmos diversos tipos de violência, questionei como e quando eles se deram conta que tais práticas eram consideradas violências, já que estavam buscando conscientizar os demais homens. Cada um trouxe uma vivência muito singular, de como foi essa descoberta. Alguns apresentaram que foi entre os 14 e 15 anos, outro disse que foi aos 22 anos. A fala de Murilo é muito interessante, nesse sentido:

“Eu não lembro exatamente quando foi o estalo, mas eu acho que quando esse estalo acontece, porque, eu acho que, em muitos homens não acontecem, vão morrer sem o estalo. Mesmo assim, quando acontece, acontece muito tarde. Eu acho que acontece muito tarde, eu não posso falar exatamente quando eu comecei a perceber esses tipos de violência. Mas o fato é que quando acontece, acontece tarde.

Contudo, na fala de todos eles esteve presente o convívio no seu cotidiano com mulheres, principalmente, feministas. Então, uma das estratégias que parece bastante eficaz de sensibilizar e promover a empatia do homem com o movimento feminista é através do contato conosco, mulheres. Eles citaram que quando as companheiras, irmãs, mães ou amigas relatavam vivências com homens que os incomodavam, eles refletiam que tais atos eram errados. Como Vinícius compartilhou *“quando você tem mulheres próximas a você, fica muito mais claro o que é violência. Porque você fala “Pô, não deveria tá sendo feito isso, então vou tentar não reproduzir e não deixar as pessoas próximas reproduzirem”.* Nesse sentido, Eduardo expressa o cuidado dele com a irmã mais nova,

“Eu acho que, no [meu] caso, veio essa mudança quando eu passei a cuidar da minha irmã, porque ela não tinha uma figura paterna. E aí eu ficava pensando “imagina, ela chegar na idade 12, 13, 14 anos e fazerem isso, colocarem a mão na bunda”, você não vai gostar. Então, quando você tem alguém próximo de você, pequena, menina, você começa a enxergar de errado e não querer se comportar assim”.

Além disso, foi abordado o quanto o contato com as mulheres é positivo para eles. De acordo com Murilo, os homens só conseguem ter uma conversa mais “profunda” e sensível com as mulheres. Para ele, as conversas com outros homens é mais “rasa”. Eduardo reiterou essa percepção dizendo: *“quando era para conversar, buscar um conselho eu sempre falava com meninas, porque todas as vezes que eu falava com algum homem eles não entendiam muito. Eles não sabiam dar conselhos igual uma mulher sabe (...)”.*

Portanto, creio que devemos fortalecer e incentivar laços afetivos entre homens e mulheres, para além das relações sexuais. Na nossa sociedade, construiu-se a crença de que homens e mulheres não podem ser amigos, contudo, a partir dessas discussões percebe-se o quanto esses contatos podem ser bastante positivos. Inclusive, para a construção de uma sociedade caracterizada pela equidade.

Ademais, Felipe trouxe que outro motivo que o fez refletir sobre práticas violentas, foi ele ter passado pelo *bullying* na escola, querendo perpetuar esses atos com outras pessoas. Como ele disse *“(...) foi aí que eu percebi o quanto as palavras podem machucar as pessoas, porque eu me senti em uma situação assim”.* Já para Bernardo foi o curso de Psicologia, pois ele teve a oportunidade de ser aluno de um professor de antropologia que discutiu sobre o assunto e o fez refletir a partir de uma outra perspectiva.

Por fim, perguntei como foi, para os participantes, fazerem parte do grupo. Eles apresentaram as seguintes percepções.

Bernardo: Eu achei massa, é um lugar de expressão, né? Espaço de diálogo, a gente está falando tanto de diálogo. É bom.

Eduardo: É bom você ter a ideia de cada um e começa a repensar o seu pensamento. Bacana.

Murilo: A gente passa a admirar os colegas por um outro lado, não vou te admirar porque você é fodão, tu tem um carro massa. Eu te admiro, porque você tem essa capacidade de dialogar e evoluir.

Vinicius: Eu achei legal que é muito parecido, cada um tem a sua opinião, mas todo mundo concorda em muita coisa. Cada um tem um curso, uma idade, mas tu vê que mesmo assim isso tá muito presente na vida de todos e isso expresso na vida de todos.
(...)

Bernardo: Muito bom. A gente vem aqui desabafa, como uma terapia. Podiam ter grupos de homens assim, né?

Percebe-se, assim, como há necessidade desses homens participarem de grupos sociais, compostos por homens, em que eles podem ser autênticos e falar sobre sentimentos, medos e anseios, sem o julgamento ou o medo da exclusão social. Eles perceberam com o grupo que é possível dialogar com outros homens, para além do que é socialmente esperado deles, como homens.

Portanto, trabalhos realizados por psicólogos/as nesse viés são imprescindíveis. Atualmente, pelo mundo, existem mais de 129 projetos e pessoas que trabalham sobre as

masculinidades, sendo cinco de Brasília¹². Percebe-se, com isso, uma certa movimentação de grupos para homens, inclusive com iniciativas de psicólogos/as. Devemos, assim, incentivar e desenvolver mais projetos nessa direção.

¹² Disponível no site: <https://papodehomem.com.br/transformacao-homens-masculinidades-projetos-iniciativas-pessoas/>

Considerações Finais

Ao longo da produção deste trabalho, pude estagiar em três locais que me propiciaram muita inspiração e motivação para concluir essa pesquisa. O Núcleo de Atendimento à Famílias e aos Autores de Violência Doméstica (NAFAVD), a Delegacia Especial de Atendimento à Mulher (DEAM) e o Centro de Formação de Psicologia do Uniceub (CENFOR). Supervisionados pelo Prof. Me. Leonardo Cavalcante de Araújo Mello e pela Profa. Dra. Camila de Aquino Moraes.

Através destas experiências, tive contato tanto com homens quanto com mulheres que vivenciaram situações de violência de gênero. Aprendi sobre a violência de gênero, a partir de uma nova perspectiva, que enriqueceu meu conhecimento sobre o assunto. E confirmei, para mim mesma, a urgência de continuarmos neste processo de estudos e investigações sobre as masculinidades e as violências de gênero.

Ao ter experiências práticas relacionadas aos estágios que realizei, associadas à produção acadêmica, percebi o quanto os dois âmbitos são fundamentais, um para o outro. E o quanto precisamos investir nessa união, para promovermos mudanças efetivas. Desse modo, reafirmo o que disse na Introdução. Como futura psicóloga, mulher e feminista, sei da importância de prosseguirmos em um caminho voltado a promoção da equidade, nas relações de gênero, para uma sociedade que respeite os direitos humanos e democrática. E o quanto às relações desiguais de gênero e as violências provenientes dessas relações estão associados a esses fatores.

Nesse sentido, o meu objetivo geral era compreender as relações entre as masculinidades e as vivências de violência, presentes no contexto da sociedade brasileira atual. Creio que consegui exemplificar, pelas mais diversas formas, como tais relações se dão. Os homens crescem, muitas vezes, aprendendo uma identidade masculina negativa e tóxica, com o incentivo a práticas violentas. Ao serem incentivados ao exercício da

masculinidade hegemônica, os homens estão mais propensos a cometerem diversos atos de violência, contra os homens, contra as mulheres e consigo mesmos. Alguns exemplos foram apresentados durante o próprio grupo focal, como as “brincadeiras” de “passar a mão na bunda” das meninas, brigas em festas, *bullying* no colégio e a dificuldade de expressar o choro.

Contudo, tendo ciência que a masculinidade hegemônica está associada às vivências de violência e que isso gera muito sofrimento e adoecimento a todos/as os/as envolvidos/as, devemos pensar em novas formas de se exercer as masculinidades, visando mudanças na nossa realidade. Não basta estudarmos e investirmos só em programas de empoderamento feminino. Não basta apenas as mulheres estarem se engajando no feminismo e reconhecendo seus direitos e deveres. Uma vez, que a categoria gênero é relacional, é preciso investir no “outro lado da moeda”. Ou seja, é preciso conscientizar e sensibilizar os homens, para que as mudanças sejam mais efetivas.

Não estou minimizando a importância do movimento das mulheres. Pelo contrário, pois de acordo com os participantes da pesquisa, o convívio com mulheres feministas é central para a ressignificação da masculinidade hegemônica. Porém, depender apenas da mobilização das mulheres é problemático. Devemos investir em outras estratégias para sensibilizar e engajar os homens na vivência de masculinidades mais saudáveis para si e para a sociedade.

Nós, da Psicologia, temos responsabilidade quanto a isso. Seja nas escolas, nos hospitais, em grupos psicossociais, nas organizações e na nossa própria formação. Analisando os resultados dessa pesquisa, de forma articulada às vivências que tive em órgãos, compostos por profissionais da saúde e do direito, acredito que estamos caminhando, aos poucos, para a construção de relações interpessoais e identidades mais autênticas. Em sintonia com uma

cultura de paz, para que as situações conflituosas sejam resolvidas com estratégias não violentas.

Como Connel (2012) defende, a melhor estratégia para promovermos uma mudança é por meio da educação. “Tentar reformular o conhecimento, expandir a compreensão e criar novas capacidades para a prática” (Connel, 2012, p. 204). Ou seja, para modificar nosso sistema de gênero atual, é imprescindível ter diversos setores atuando em conjunto. Somos nós, mulheres, unidas aos homens e ao Estado, desenvolvendo políticas públicas, projetos em escolas, pesquisas em diversos campos de estudo, etc.

Esta pesquisa pode contribuir para esse caminho, mas é necessário que mais estudos sejam realizados sobre as questões de gênero relacionados à violência. Principalmente, focalizando nos homens envolvidos nessas relações, em suas percepções e vivências.

Por fim, gostaria de compartilhar que me sinto esperançosa ao ver homens compartilhando seus incômodos com o exercício da masculinidade hegemônica e buscando contra-narrativas para se vivenciar as masculinidades. Me entusiasma perceber que os homens começaram a questionar sobre as suas emoções e seus atos. E me fortalece, pessoal e profissionalmente, me deparar com homens buscando mudar as relações de violência, que estamos presenciando. Isso tudo me faz acreditar na construção de uma sociedade caracterizada por mais equidade, sendo justa e democrática para todos/todas nós, construída por nós.

Referências Bibliográficas

- Almeida, T. M. C. (2014). Corpo feminino e violência de gênero: fenômeno persistente e atualizado em escala mundial. *Revista Sociedade e Estado*, 29(2), 329-340.
- Araújo, M. D. F. (2005). Diferença e igualdade nas relações de gênero: revisitando o debate. *Psicologia Clínica*, 17(2), 41-52.
- Badinter, E (1993). XY. *Sobre a identidade masculina*. (Trad. M. I. D. Estrada). Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
- Barreto, A. L. C. S. (2016). *A escola e seu papel na construção de diferentes identidades sociais*. Dissertação de Mestrado, Programa de Mestrado em Psicologia (Linha de Pesquisa: Psicologia e Educação), Centro Universitário de Brasília, Brasília.
- Bauman, Z. (2005). *Identidade: entrevista a Benedetto Vecchi*. Rio de Janeiro: Zahar.
- Bento, B. (2008). *O que é transexualidade*. Brasiliense.
- Bento, B. (2011). Politizar o abjeto: dos femininos aos feminismos. *Psicologia social e seus movimentos*, 30, 357-371.
- Bento, B. (2017). *Transviad@s: gênero, sexualidade e direitos humanos*. Salvador: EDUFBA.
- Borges, C. (2015). *A mulher na língua do povo uma análise linguístico-semântica*.
- Borrillo, D. (2009). A homofobia. Em Lionço, T. & Diniz, D. (Orgs), *Homofobia & Educação: um desafio ao silêncio* (pp. 15-46). Brasília: LetrasLivres / Editora da Universidade de Brasília.
- Bourdieu, P. (2012). *A dominação masculina*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil.
- Branco, A. U. (1993). Sociogênese e canalização cultural: contribuições à análise do contexto das salas de aula. *Temas de Psicologia*, 3, 9-18.

- Bruner, J. (1997). *Atos de significação*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Cecarelli, P. R. (1998). *A masculinidade e seus avatares*. *Catharsis*, 4(19), 10-11.
- Chauí, M. (2017). *Sobre a violência*. Belo Horizonte: Autêntica.
- Connell, R. (2012). Políticas da masculinidade. *Educação e Realidade*, Porto Alegre, v.20, n.2, p. 185-206, jul./dez. 1995.
- Connell, R. W., Messerschmidt, J. W., & Fernandes, F. B. M. (2013). Masculinidade hegemônica: repensando o conceito. *Estudos feministas*, 241-282. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/S0104-026X2013000100014>
- Cordeiro, M. (2011). O valor do corpo na construção da identidade. *Revista de Estudos da Comunicação*, 12(27).
- Costa, J. F. (1999). *Ordem médica e norma familiar*. Rio de Janeiro: Graal.
- DaMatta, R. (2010). Tem pente aí? Reflexões sobre a identidade masculina. *Enfoques*, 9(1).
- Fonseca, J.V.C. (2018). *Corpos (In)desejáveis: O Fenômeno da Transfobia a partir da Perspectiva de Pessoas Trans e Psicólogos/as*. Disponível em: <http://www.repositorio.uniceub.br/bitstream/235/12361/1/21376938.pdf>
- Galinkin, A. L. & Zauli, A. (2011). Identidade social e alteridade. Em C. V. Torres & E. R. Neiva (Orgs.), *Psicologia Social: principais temas e vertentes* (pp. 253-261). Porto Alegre: Artmed.
- Gatti, B. A. (2005). Grupo focal na pesquisa em ciências sociais e humanas. In *Grupo focal na pesquisa em Ciências Sociais e Humanas*. Brasília, DF: Liber Livro.
- Geertz, C. (1989). *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: LTC.
- Gomes, N. P., Diniz, N. M. F., Araújo, A. D. S., & Coelho, T. D. F. (2007). Compreendendo a violência doméstica a partir das categorias gênero e geração. *Acta Paul Enferm*, 20(4), 504-8.

- Gomes, R. (2007). Análise e interpretação de dados de pesquisa qualitativa. Em M. C. S. Minayo (Org.), *Pesquisa social: teoria, método e criatividade* (pp. 79-108). Petrópolis – RJ: Vozes.
- Gomes, R., Minayo, M. D. S., & Silva, C. F. R. (2005). Violência contra a mulher: uma questão transnacional e transcultural das relações de gênero. *Impacto da violência na saúde dos brasileiros*, 117-135. Brasília: Ministério da Saúde.
- González Rey, F. (1999). *La personalidad: Su educación y desarrollo*. Habana: Editorial Pueblo y Educación.
- Granja, Edna, & Medrado, Benedito. (2009). Homens, violência de gênero e atenção integral em saúde. *Psicologia & Sociedade*, 21(1), 25-34. Disponível em: <https://dx.doi.org/10.1590/S0102-71822009000100004>
- Grogan, S. & Richards H. (2002). *Body Image: Focus Groups with boys and men*. Disponível em: <http://journals.sagepub.com/doi/pdf/10.1177/1097184X02004003001>
- Hall, S. (1998). *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A editora.
- Jablonski, B. (1995). A difícil extinção do boçalossauro. Em Nolasco, S. (Org.). *A desconstrução do masculino* (pp. 156-165). Rio de Janeiro: Rocco.
- Junqueira, R. D. (2009). Introdução - Homofobia nas escolas: um problema de todos. Em R. D. Junqueira (Org.), *Diversidade sexual na educação: problematizações sobre a homofobia nas escolas* (pp. 13-51). Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, UNESCO.
- Karnal, L. (2017). *Todos contra todos: o ódio nosso de cada dia*. Rio de Janeiro: Leya.
- Kimmel, M. (2016). Masculinidade como homofobia: Medo, vergonha e silêncio na construção de identidade de gênero. *Equatorial*, 3(4), 97-124.
- Le Breton, D. (2007). *A sociologia do corpo*. Petrópolis – RJ: Vozes.

- Lervolino, Solange Abrocesi, & Pelicioni, Maria Cecilia Focesi. (2001). A utilização do grupo focal como metodologia qualitativa na promoção da saúde. *Revista da Escola de Enfermagem da USP*, 35(2), 115-121. Disponível em:
<https://dx.doi.org/10.1590/S0080-62342001000200004>
- Louro, G.L. (2000) Pedagogia da Sexualidade. Em Louro, G.L. (Orgs.) *O Corpo Educado: Pedagogias da sexualidade* (pp. 07-34). Belo Horizonte: Autêntica.
- Louro, G. L. (2003). Currículo, gênero e sexualidade: o “normal”, o “diferente” e o “excêntrico”. Em G. L. Louro; J. F. Neckel & S. V. Goellner (Orgs.), *Corpo, gênero e sexualidade: um debate contemporâneo na educação* (pp. 41-52).Petrópolis: Vozes.
- Louro, G. L. (2004). *Um corpo estranho: ensaios sobre sexualidade e teoria queer*. Belo Horizonte: Autêntica.
- Louro, G. L. (2009). Heteronormatividade e homofobia. Em Junqueira. R. D., *Diversidade sexual na educação: problematizações sobre a homofobia nas escolas* (pp. 85-94).
- Machado, L. Z. (1998). Masculinidade, sexualidade e estupro: as construções da virilidade. *Cadernos Pagu*, (11), 231-273.
- Machado, L. Z. (2001). Masculinidade e Violências. *Gênero e Mal-Estar na sociedade contemporânea*. Brasília: UNB.
- Madureira, A. F. A. (2007). *Gênero, sexualidade e diversidade na escola: a construção de uma cultura democrática*. Tese de Doutorado, Instituto de Psicologia, Universidade de Brasília, Brasília. Disponível em:
http://repositorio.unb.br/bitstream/10482/1610/1/Tese_AnaFlaviaAmaralMadureira.pdf
- Madureira, A. F. A. (2016). Diálogos entre a Psicologia e as Artes Visuais: as Imagens enquanto Artefatos Culturais. Em J. L. Freitas & E. P. Flores (Orgs.), *Arte e Psicologia: Fundamentos e Práticas* (pp. 57-82). Curitiba: Juruá.

- Madureira, A. F. A. & Branco, A. U. (2001). A pesquisa qualitativa em psicologia do desenvolvimento: questões epistemológicas e implicações metodológicas. *Temas em Psicologia*, 9(1), 63-75. Disponível em:
<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/tp/v9n1/v9n1a07.pdf>
- Madureira, A. F. A. & Branco, A. U. (2005). Construindo com o outro: uma perspectiva sociocultural construtivista do desenvolvimento humano. Em M. A. Dessen & A. L. Costa Júnior (Orgs.), *A ciência do desenvolvimento humano: tendências atuais e perspectivas futuras* (pp. 90-109). Porto Alegre: Artes Médicas.
- Madureira, A. F. A. & Branco, A. U. (2007). Identidades sexuais não-hegemônicas: processos identitários e estratégias para lidar com o preconceito. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 23(1), 81- 90. Disponível em:
<http://www.scielo.br/pdf/ptp/v23n1/a10v23n1.pdf>
- Madureira, A. F. A. & Branco, A. U. (2015). Gênero, sexualidade e diversidade na escola a partir da perspectiva de professores/as. *Temas em Psicologia* (Ribeirão Preto), 23(3), 577-591. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/tp/v23n3/v23n3a05.pdf>
- Minayo, M. C. D. S. (1994). Violência social sob a perspectiva da saúde pública. *Cadernos de saúde pública*, 10, S7-S18.
- Minayo, M. C. D. S. (2005). Laços perigosos entre machismo e violência. *Ciência & Saúde Coletiva*, 10, 23-26.
- Minayo, M. C. S. (2007) *Pesquisa Social. Teoria, método e criatividade*. 18 ed. Petrópolis: Vozes.
- Minayo, Maria Cecília de Souza, & Souza, Edinilsa Ramos de. (1999). É possível prevenir a violência? Reflexões a partir do campo da saúde pública. *Ciência & Saúde Coletiva*, 4(1), 7-23

- Ministério da Saúde (BR). (2009). Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Ações Programáticas Estratégicas. *Política nacional de atenção integral à saúde do homem*. Brasília: DF.
- Moreira, A. F.B & Câmara, M.J. (2010). Reflexões Sobre Currículo e Identidade: Implicações para a prática pedagógica. Em Moreira, A.F.B & Candau, V.M (Orgs.) *Multiculturalismo: Diferenças culturais e práticas pedagógicas* (pp. 38-66). Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes.
- Moura, E. C., Neves, A. C. M., Gomes, R., & Albernaz, L. (2012). *Perfil da situação de saúde do homem no Brasil*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz.
- Nascimento, E. F., Gomes, Romeu, & Rebello, L. E. F. S. (2009). Violência é coisa de homem? A “naturalização” da violência nas falas de homens jovens. *Ciência & Saúde Coletiva*, 14(4), 1151-1157.
- Oliveira, M. C. S. L. & Madureira, A. F. A. (2014). Gênero e Psicologia do Desenvolvimento: quando a ciência é utilizada como força normatizadora das identidades de gênero. *Labrys (Edição Française. Online)*, 26. Disponível em: <http://www.labrys.net.br/labrys26/psy/maria%20claudia.htm>
- Oliveira, P.P (1998) Discursos sobre a masculinidade. *Revista Estudos Feministas*, 6(1), 91-112.
- Oliveira, S., Recaman, M., & Venturi, G. (Eds.). (2004). *A mulher brasileira: nos espaços público e privado*. Fundação Perseu Abramo.
- Pinheiro, T. F., Couto, M. T., & da Silva, G. S. N. (2012). Homens e cuidado: construções de masculinidades na saúde pública brasileira. *Psicología, Conocimiento y Sociedad*, 2(2), 177-195.
- Pino, Angel (2005). *As Marcas do Humano: Às origens da constituição cultural da criança na perspectiva de Lev S. Vigotski*. São Paulo: Cortez.

- Scott, J. (1995). Gênero: uma categoria útil de análise histórica. *Educação & Realidade*, 20 (2), 71-9
- Silva, J. R. T. D. (2014). Masculinidade e violência: formação da identidade masculina e compreensão da violência praticada pelo homem. *Anais do 18º Redor. Recife*, pp. 2802-2817.
- Silva, S. G. (2006). A crise da masculinidade: uma crítica à identidade de gênero e à literatura masculinista. *Psicologia: ciência e profissão*, 26(1), 118-131.
- Silva, T. T. (2000). A produção social da identidade e da diferença. Em T. T. Silva (Org.), *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais* (pp. 73-102). Petrópolis: Vozes.
- Soares, B. M. (2005). *Enfrentando a violência contra a mulher: orientações práticas para profissionais e voluntários(as)*. Brasília: Secretaria Especial de Políticas para as Mulheres.
- Souza, E. R. (2001). Quando viver é o grande risco-aventura. *Cadernos de Saúde Pública*, 17(6), 1291-1292.
- Souza, E. R. (2005). Masculinidade e violência no Brasil: contribuições para a reflexão no campo da saúde. *Ciência & Saúde Coletiva*, 10, 59-70.
- Souza Silva, J. R., & Assis, S. M. B. (2018). Grupo focal e análise de conteúdo como estratégia metodológica clínica-qualitativa em pesquisas nos distúrbios do desenvolvimento. *Cadernos de Pós-Graduação em Distúrbios do Desenvolvimento*, 10(1).
- Valsiner, J. (2012). *Fundamentos da Psicologia Cultural: mundos da mente, mundos da vida*. Tradução de Ana Cecília de Sousa Bastos. Porto Alegre: Artmed.

- Wang, M-L.; Jablonski, B. & Magalhães, A. S. (2006). Identidades masculinas: limites e possibilidades. *Psicologia em Revista*, 12(19), 54-65
- Welzer-Lang, D. (2001). A construção do masculino: dominação das mulheres e homofobia. *Estudos Feministas*, 9(2), 460-482.
- Windmöller, N. (2016). *Construção das masculinidades em depressão: revisão de literatura e análise de casos*. 88 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia Clínica e Cultura)—Universidade de Brasília, Brasília, 201
- Windmöller, N., & Zanello, V. (2016). Depressão e masculinidades: uma revisão sistemática da literatura em periódicos brasileiros. *Psicologia em Estudo*, 21(3).
- Woodward, K. (2000). Identidade e diferença: uma introdução conceitual. Em T. T. Silva (Org.), *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais* (pp. 7-72). Petrópolis: Vozes.
- Zanello, V. (2018). *Saúde Mental, Gênero e Dispositivos: Cultura e Processos de Subjetivação*. Curitiba: Appris.
- Zanello, V., Fiuza, G., & Costa, H. S. (2015). Saúde mental e gênero: facetas gendradas do sofrimento psíquico. *Fractal: Revista de Psicologia*, 27(3), 238-246

Anexos

Anexo A

ROTEIRO: PLANEJAMENTO DAS REUNIÕES DOS GRUPOS FOCAIS

Duração prevista duas horas

Primeiro momento: Apresentação

- Breve apresentação da pesquisadora, dos objetivos da pesquisa, dos participantes e do porquê da escolha dos mesmos. Explicação de como irá ocorrer a reunião, preparando-os para as dinâmicas que irão acontecer e o tempo previsto para o seu encerramento. Explicação sobre não haver uma ideia certa ou errada, sendo todas válidas e valiosas para a pesquisa. Estabelecimento de um contrato informal e verbal de confiança, respeito e sigilo entre os participantes. (Aproximadamente 10 minutos)

Segundo momento: A masculinidade no cotidiano

- Discussão: (a) em uma frase, descreva o que é ser homem (b) quais as vantagens e desvantagens de ser homem? (c) Existem momentos que vocês refletem ou conversam sobre as masculinidades? Se sim, quais momentos? (Aproximadamente 30 minutos)

Terceiro momento: A violência presente nas relações e nas identidades de gênero

- Vídeo: "Querido Papai" (5 minutos)
- Discussão: (a) Quais aspectos mais significativos do vídeo? (b) A violência está presente nas relações interpessoais de vocês ou não? (Se sim, como? Existem momentos que vocês refletem ou conversam sobre essas violências? Se sim, quais momentos?) (Aproximadamente 20 minutos)
- Vídeo: Trechos do documentário "The Mask You Live In" e do documentário "Precisamos falar com os homens?" (Aproximadamente 5 minutos)
- Dinâmica: Cada participante deverá escrever em uma folha em branco, sem se identificar, sentimentos que gostariam de expressar, contudo não conseguem. As folhas serão reunidas e embaralhadas. A pesquisadora lerá em voz alta cada um dos sentimentos, para assim iniciar uma discussão. (Aproximadamente 20 minutos)
- Discussão: (a) Já deixaram de se comportar de alguma forma para se enquadrarem nos estereótipos do que é ser homem? (b) Vocês sentem que têm algum espaço para compartilhar suas angústias sobre essas cobranças ou não? Por que? (Aproximadamente 20 minutos)

Encerramento:

- Cada participante deverá apresentar como foi a experiência de participar do grupo focal destacando os aspectos mais significativos. (Aproximadamente 5 minutos)
- Por fim, será solicitado que cada participante desenvolva ao longo de uma semana (sete dias) um diário que contenha reflexões e considerações sobre sentimentos e vivências do seu cotidiano que, de alguma forma, se relacione com o conteúdo das

discussões promovidas no grupo focal ou do tema da pesquisa. (Aproximadamente 5 minutos)

Anexo B

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE

Ressignificando as Representações Acerca das Masculinidades: Uma Ação Preventiva em Relação à Violência

Instituição das pesquisadoras: Centro Universitário de Brasília - UniCEUB

Pesquisadora responsável: Profa. Dra. Ana Flávia do Amaral Madureira

Pesquisadora assistente: Bianca Mayumi Matsuura Yoshioka

Você está sendo convidado(a) a participar do projeto de pesquisa acima citado. O texto abaixo apresenta todas as informações necessárias sobre o que estamos fazendo. Sua colaboração neste estudo será de muita importância para nós, mas se desistir a qualquer momento, isso não lhe causará prejuízo.

O nome deste documento que você está lendo é Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE).

Antes de decidir se deseja participar (de livre e espontânea vontade), você deverá ler e compreender todo o conteúdo. Ao final, caso decida participar, você será solicitado a assiná-lo e receberá uma cópia do mesmo.

Antes de assinar, faça perguntas sobre tudo o que não tiver entendido bem. A equipe deste estudo responderá às suas perguntas a qualquer momento (antes, durante e após o estudo).

Natureza e objetivos do estudo

- O objetivo geral deste estudo é analisar, a partir das perspectivas de jovens homens universitários, como as masculinidades podem estar relacionadas às vivências de violência no atual contexto brasileiro.
- Você está sendo convidado a participar exatamente por corresponder ao perfil de participante delimitado para essa pesquisa.

Procedimentos do estudo

- Sua participação consiste em participar de uma sessão de discussão de grupo focal e na produção de um diário com reflexões sobre o tema focalizado na pesquisa.
- O procedimento consiste em um encontro de grupo focal, com a apresentação de vídeos previamente selecionados, e na produção de um diário com reflexões sobre o tema focalizado na pesquisa. O encontro será gravado em áudio, com seu consentimento, para facilitar o posterior trabalho de análise.
- Não haverá nenhuma outra forma de envolvimento ou comprometimento neste estudo.
- A pesquisa será realizada em local conveniente para os participantes.

Riscos e benefícios

- Este estudo possui baixos riscos, que são inerentes ao procedimento de grupo focal.
- Medidas preventivas serão tomadas durante o grupo focal e a apresentação de vídeos para minimizar qualquer risco ou incômodo. Por exemplo, será esclarecido que não há respostas certas ou erradas em relação às perguntas que serão apresentadas e que é esperado que o(a) participante responda de acordo com as suas opiniões pessoais.
- Caso esse procedimento possa gerar algum tipo de constrangimento, você não precisa realizá-lo.
- Com sua participação nesta pesquisa você poderá contribuir com a construção de uma compreensão mais aprofundada sobre as relações entre gênero e violência.

Participação, recusa e direito de se retirar do estudo

- Sua participação é voluntária. Você não terá nenhum prejuízo se não quiser participar.
- Você poderá se retirar desta pesquisa a qualquer momento, bastando para isso entrar em contato com uma das pesquisadoras responsáveis.
- Conforme previsto pelas normas brasileiras de pesquisa com a participação de seres humanos, você não receberá nenhum tipo de compensação financeira pela sua participação neste estudo.

Confidencialidade

- Seus dados serão manuseados somente pelas pesquisadoras e não será permitido o acesso a outras pessoas.
- O material com as suas informações (gravação em áudio do grupo focal) ficará guardado sob a responsabilidade da pesquisadora assistente, Bianca Mayumi Matsuura Yoshioka, com a garantia de manutenção do sigilo e confidencialidade, e será destruído após a pesquisa.
- Os resultados deste trabalho poderão ser apresentados em encontros ou revistas científicas. Entretanto, ele mostrará apenas os resultados obtidos como um todo, sem revelar seu nome, instituição a qual pertence ou qualquer informação que esteja relacionada com a sua privacidade.
- Se houver alguma consideração ou dúvida referente aos aspectos éticos da pesquisa, entre em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa do Centro Universitário de Brasília –CEP/UniCEUB, que aprovou esta pesquisa, pelo telefone 3966.1511 ou pelo e-mail cep.uniceub@uniceub.br. Também entre em contato para informar ocorrências irregulares ou danosas durante a sua participação no estudo.

Eu, _____ RG _____, após receber a explicação completa dos objetivos do estudo e dos procedimentos envolvidos nesta pesquisa concordo voluntariamente em fazer parte deste estudo.

Este Termo de Consentimento encontra-se impresso em duas vias, sendo que uma cópia será arquivada pela pesquisadora assistente, e a outra será fornecida ao senhor(a).

Participante

Pesquisadora responsável: Ana Flávia do Amaral Madureira
Celular: (61) 99658-7755 - E-mail: ana.madureira@ceub.edu.br

Pesquisadora assistente: Bianca Mayumi Matsuura Yoshioka
Celular: (61)98118-1973 - E-mail: biancamayumim@gmail.com

Brasília, ____ de _____ de ____.

Endereço dos(as) responsável(is) pela pesquisa:

Instituição: Centro Universitário de Brasília – UniCEUB

Endereço: SEPN 707/907, Campus do UniCEUB

Bairro: Asa Norte

Cidade: Brasília - DF

CEP: 70790-075

Telefone p/contato: (61) 3966-1200

Anexo C

CENTRO UNIVERSITÁRIO DE
BRASÍLIA - UNICEUB



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: Ressignificando as Representações Acerca das Masculinidades: Uma Ação Preventiva em Relação à Violência

Pesquisador: Ana Flávia do Amaral Madureira

Área Temática:

Versão: 1

CAAE: 96589018.5.0000.0023

Instituição Proponente: Centro Universitário de Brasília - UNICEUB

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 2.933.420

Apresentação do Projeto:

O projeto de pesquisa em questão tem como objetivo geral analisar, a partir das perspectivas de jovens homens universitários, como as masculinidades podem estar relacionadas às vivências de violência no atual contexto brasileiro. Seu referencial teórico é a psicologia cultural. Em termos metodológicos, será utilizada uma metodologia qualitativa de investigação. Os participantes serão homens jovens universitários, entre 18 e 30 anos. Será realizada uma sessão de grupo focal com 6 participantes, todos maiores de idade, que não fazem parte de populações vulneráveis e que serão selecionados via rede social e não via instituição. Com a pesquisa, busca-se responder se há vinculações entre as crenças e valores acerca das masculinidades com as relações e vivências de violência de gênero no Brasil, uma vez que, analisando os meios e as crenças que promovem a formação das masculinidades atualmente, torna-se possível contribuir com a propagação de novas formas de se compreender a masculinidade.

Objetivo da Pesquisa:

O objetivo primário desta pesquisa será "analisar, a partir das perspectivas de jovens homens universitários, como as masculinidades podem estar relacionadas às vivências de violência no atual contexto brasileiro".

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Os riscos e benefícios apresentados à pesquisa foram:

Endereço: SEPN 707/907 - Bloco 6, sala 6.110, 1º andar

Bairro: Setor Universitário

CEP: 70.790-075

UF: DF

Município: BRASILIA

Telefone: (61)3966-1511

E-mail: cep.uniceub@uniceub.br

CENTRO UNIVERSITÁRIO DE BRASÍLIA - UNICEUB



Continuação do Parecer: 2.933.420

"A pesquisa apresenta baixos riscos. Tais riscos são inerentes ao procedimento de grupo focal. Medidas preventivas durante a sessão de grupo focal serão tomadas para minimizar qualquer risco ou incômodo. Por exemplo, será apresentada a orientação de que não existem respostas certas ou respostas erradas e que é esperado que os participantes respondam de acordo com as suas opiniões pessoais. Mesmo assim, caso esse procedimento possa gerar algum tipo de constrangimento aos participantes, os mesmos não precisam realizá-lo".

"Ao participar da pesquisa, os participantes colaborarão com o desenvolvimento de uma compreensão mais aprofundada sobre o tema focalizado na pesquisa".

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

Este projeto encontra-se apto a ser desenvolvido, tanto do ponto de vista ético, quanto científico. O seu objetivo primário foi a apresentado, os riscos e benefícios e a metodologia. O cronograma encontra-se compatível à aprovação do projeto pelo Comitê de Ética em Pesquisa e os gastos à pesquisa serão da responsabilidade do pesquisador. Os pesquisadores possuem o currículo na Plataforma Lattes.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Foram apresentados os seguintes termos necessários à aprovação do projeto: a Folha de rosto para pesquisa envolvendo seres humanos, devidamente assinada; o TCLE - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, apresentado de forma adequada; e o roteiro com o planejamento das reuniões dos grupos focais.

Recomendações:

O CEP-UniCEUB ressalta a necessidade de desenvolvimento da pesquisa, de acordo com o protocolo avaliado e aprovado, bem como, atenção às diretrizes éticas nacionais quanto aos incisos XI.1 e XI.2 da Resolução 466/12 CNS/MS concernentes às responsabilidades do pesquisador no desenvolvimento do projeto.

XI.1 – A responsabilidade do pesquisador é indelegável e indeclinável e compreende os aspectos éticos e legais.

XI.2 – Cabe ao pesquisador:

- a) desenvolver o projeto conforme delineado;
- b) elaborar e apresentar os relatórios parciais e final;
- c) apresentar dados solicitados pelo CEP ou pela CONEP a qualquer momento;
- d) manter os dados da pesquisa em arquivo, físico ou digital, sob sua guarda e responsabilidade, por um período de 5 anos após o término da pesquisa;

Endereço: SEPN 707/907 - Bloco 6, sala 6.110, 1º andar

Bairro: Setor Universitário

CEP: 70.790-075

UF: DF

Município: BRASILIA

Telefone: (61)3966-1511

E-mail: cep.uniceub@uniceub.br

**CENTRO UNIVERSITÁRIO DE
BRASÍLIA - UNICEUB**



Continuação do Parecer: 2.933.420

- e) encaminhar os resultados da pesquisa para publicação, com os devidos créditos aos pesquisadores associados e ao pessoal técnico integrante do projeto; e
- f) justificar fundamentadamente, perante o CEP ou CONEP, interrupção do projeto ou a não publicação dos resultados.

Observação: Ao final da pesquisa enviar Relatório de Finalização da Pesquisa ao CEP. O envio de relatórios deverá ocorrer pela Plataforma Brasil, por meio de notificação de evento. O modelo do relatório encontra-se disponível na página do UniCEUB

http://www.uniceub.br/instituicao/pesquisa/ins030_pesquisacomitebio.aspx, em Relatório de Finalização e Acompanhamento de Pesquisa.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

O projeto encontra-se aprovado para iniciar a coleta de dados.

Considerações Finais a critério do CEP:

Protocolo previamente avaliado, com parecer n. 2.933.420/18, tendo sido homologado na 16ª Reunião Ordinária do CEP-UniCEUB do ano, em 6 de setembro de 2018.

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_1205007.pdf	23/08/2018 13:36:09		Aceito
Folha de Rosto	FolhadeRosto.pdf	23/08/2018 13:35:26	BIANCA MAYUMI MATSUURA YOSHIOKA	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	ProjetodeMonografia.pdf	23/08/2018 12:05:19	BIANCA MAYUMI MATSUURA YOSHIOKA	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE.pdf	21/08/2018 18:23:43	BIANCA MAYUMI MATSUURA YOSHIOKA	Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

Endereço: SEPN 707/907 - Bloco 6, sala 6.110, 1º andar

Bairro: Setor Universitário

CEP: 70.790-075

UF: DF

Município: BRASILIA

Telefone: (61)3966-1511

E-mail: cep.uniceub@uniceub.br

CENTRO UNIVERSITÁRIO DE
BRASÍLIA - UNICEUB



Continuação do Parecer: 2.933.420

BRASILIA, 02 de Outubro de 2018

Assinado por:
Marília de Queiroz Dias Jacome
(Coordenador(a))

Endereço: SEPN 707/907 - Bloco 6, sala 6.110, 1º andar

Bairro: Setor Universitário

CEP: 70.790-075

UF: DF

Município: BRASILIA

Telefone: (61)3966-1511

E-mail: cep.uniceub@uniceub.br